



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI**  
**INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE SOCIEDADE, CULTURA E ARTE**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

**JESUS BERNARDO DOS SANTOS**

**MAAT COMO PRINCÍPIO ÉTICO DO ANTIGO EGITO (KEMET):  
FEMININO NEGRO, ÉTICA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

**JUAZEIRO DO NORTE**  
**2026**

**JESUS BERNARDO DOS SANTOS**

**MAAT COMO PRINCÍPIO ÉTICO DO ANTIGO EGITO (KEMET):  
FEMININO NEGRO, ÉTICA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Filosofia do Instituto  
Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e  
Artes da Universidade Federal do Cariri,  
como requisito necessário à obtenção do  
título de licenciado em Filosofia.**

**Orientador: Prof. Dr. Francisco Jose da  
Silva**

**JUAZEIRO DO NORTE  
2026**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Cariri  
Sistema de Bibliotecas

---

S237m Santos, Jesus Bernardo dos.

Maat como princípio ético do Antigo Egito (Kemet): feminino negro, ética e educação antirracista / Jesus Bernardo dos Santos. – 2026.

35 f. : il. color.

Monografia (Graduação em Filosofia) – Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes, Curso de Licenciatura em Filosofia, Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE, 2026.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Jose da Silva.

1. Filosofia africana - Kemet (Egito antigo). 2. Princípio ético de Maat - Dimensão cosmológica e ontológica. 3. Gênero e raça - Feminino negro - Corporeidade. 4. Prática pedagógica - Educação antirracista - Lei 10.639/03. I. Silva, Francisco Jose da (Orient.). II. Universidade Federal do Cariri. III. Título.

CDD 293.31

---

Bibliotecário: João Bosco Dumont do Nascimento – CRB 3/1355

Índices para catálogo sistemático:

1. Religião e Filosofia Egípcia Antiga: Princípio de Maat 299.31
2. Filosofia Africana e Relações de Gênero: Epistemologias Descoloniais 109.6

**JESUS BERNARDO DOS SANTOS**

**MAAT COMO PRINCÍPIO ÉTICO DO ANTIGO EGITO (KEMET):  
FEMININO NEGRO, ÉTICA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Filosofia do Instituto  
Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e  
Artes da Universidade Federal do Cariri,  
como requisito necessário à obtenção do  
título de licenciado em Filosofia.**

**Orientador: Prof. Dr. Francisco Jose da  
Silva**

**Aprovação em: 01/04/2026**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Francisco Jose da Silva  
Universidade Federal do Cariri – UFCA  
Orientador(a)**

---

**Profª. Dra. Francisca Andréa Brito Furtado  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS  
Membro Externo**

---

**Prof. Me. Emanuel Marcondes de Souza Torquato  
Universidade Federal do Cariri - UFCA  
Membro Interno**

**JUAZEIRO DO NORTE  
2026**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, que sempre me incentivou a encontrar nos estudos um caminho para conquistar novos voos e a construir um futuro melhor para mim e para os meus. Dedico este trabalho a todas/es/os aqueles em que, mesmo diante da rotina caótica, permaneceram ao meu lado, incentivando-me, acreditando em mim e torcendo por minhas batalhas e lutas diárias na graduação, no trabalho e na vida pessoal. Aos que permanecem *in memoriam*, mas que sempre torceram pelas minhas conquistas e me incentivaram a seguir em frente, mesmo diante dos obstáculos que surgiram no caminho. Hoje posso lhes dizer com orgulho que: estamos formados na Federal. Todos esses anos de estudo e esforços foram por mim, por vocês e por nós.

Gratidão. Eu amo vocês.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir ingressar e agora por me permitir esta finalizando mais um ciclo de minha trajetória de vida que é a graduação em Filosofia.

Segundamente, agradeço à minha família, em especial à minha mãe, Ana, à minha madrinha, Riva, e à minha prima, Bynha, que desde o início me incentivaram a ir em busca dos meus sonhos e objetivos, vibrando a cada conquista e vitória que alcancei até aqui.

Agradeço também ao meu grande e melhor amigo, Gabriel Nascimento(in memorian), que durante todos os anos de graduação me incentivou, me acolheu e celebrou junto a mim cada voo alçado. A ti, meu amigo, dedico este trabalho pois tudo que me ensinaste, levarei eternamente na memória que construímos durante os seis anos de amizades que cultivamos.

Dedico ainda este trabalho a todas, todos e todes que conheci nas idas e voltas da vida acadêmica, em especial a Angela, Hilmara, Estefani, Nargila e Deivid, vocês foram fundamentais ao trazer leveza e diversão no retorno para casa.

As amigas Duda e Mika, com quem precisei sacrificar parte da rotina e da convivência para me dedicar à graduação, agradeço por toda paciência e compreensão ao longo desses anos para com minha pessoa.

Aos colegas e amigas/os da graduação, agradeço por permanecerem ao meu lado durante toda essa trajetória na graduação, em especial a minha amiga Raquel e Elaine que tanto amo e que levarei da graduação para a vida, sinto que as trocas feitas durante todos esses anos me fizeram evoluir tanto como pessoa quanto profissional. Obrigado, minhas amigas, por me ensinarem valiosas lições que tornam a vida menos dificultosa e também por não me deixar desistir dessa conclusão. Aos que trocaram de curso, como Alice, agradeço pela amizade construída, pelos momentos partilhados, as boas risadas e as memórias que trilhamos na filosofia e que se estenderam até aqui.

Agradeço também ao meu grande parceiro de caminhada da vida, Danilo Barreto, pelo incentivo a seguir firme na conclusão desta graduação, bem como a me incentivar a não desistir do curso; agradeço também por ti acreditar no meu potencial e que eu chegaria até aqui e por me permitir vivenciar a beleza da vida ao seu lado todos os dias. Sou grato por tudo que temos vivenciado, mais grato ainda por me incentivar a finalizar esta graduação. Gratidão, meu coroa.

Agradeço profundamente aos meus antigos professores do ensino, em especial a Suzana, Sâmia, Hilda, Joeliton, Anael e principalmente a minha diretora icônica Eliane Ferreira por terem acreditado em mim, por terem me incentivado a trilhar o percurso da

licenciatura, por terem acompanhado todo o meu percurso estando ainda na graduação e fora da mesma. Vocês foram e sempre serão essenciais na minha trajetória. Sou grato por todos os incentivos e apoio que vocês me deram e dão até hoje. Serão para sempre meus eternos professores, hoje amigos de trabalho.

Agradeço também aos meus colegas/amigos de trabalho, em especial as pessoas de Kelly, Ivonete e Rogéria com quem tanto partilho memórias, vivências, conversas e experiências de vida em sala de aula e fora dela, sem o incentivo, a força e o apoio que vocês tem me dado até aqui, este trabalho não sairia do mundo imaginário. A vocês minha eterna gratidão, minhas amigas.

Por fim, agradeço a todas/os/es pelas memórias, experiências e vivências construídas até aqui. Amo vocês e sou grato por tudo que trilhamos. Gratidão.

“Grande é a Lei (Maat)!”

Máximas de  
Ptah-hotep(2414-2375 a.C.)

## **RESUMO**

Esta monografia tem como objetivo analisar o conceito de Maat como princípio estruturante do pensamento filosófico kemético, destacando suas dimensões ontológica, ética e cosmológica. Partindo da crítica ao eurocentrismo presente na história da filosofia, o presente trabalho propõe problematizar as narrativas que estabelecem a filosofia como uma produção exclusivamente ocidental, evidenciando os processos históricos de invisibilização do pensamento africano. Nesse contexto, o estudo apresenta Maat não apenas como uma divindade do panteão egípcio, mas como fundamento da organização do universo, da vida social e da conduta ética no Egito antigo. A pesquisa também discute a centralidade do feminino em Maat, compreendendo-o como princípio de equilíbrio e continuidade da vida, em contraste com leituras ocidentais, como as de Aristóteles, que associavam o feminino à irracionalidade ou à desordem. Além disso, analisa-se a relação entre filosofia, corporeidade e ética, evidenciando como o corpo negro feminino pode ser compreendido como expressão de uma ética viva diante dos processos de racialização e exclusão epistêmica produzidos pela colonialidade. Por fim, o trabalho estabelece aproximações entre a ética maática e os debates contemporâneos sobre educação antirracista, especialmente no contexto da Lei 10.639/03, destacando sua contribuição no campo filosófico e na construção de práticas pedagógicas comprometidas com a justiça social e a valorização da pluralidade epistemológica.

**Palavra-chaves:** Filosofia africana; Kemet/ Egito antigo; Maat.

## **ABSTRACT**

This monograph aims to analyze the concept of Maat as a structuring principle of Kemetic philosophical thought, highlighting its ontological, ethical, and cosmological dimensions. Based on a critique of the eurocentrism present in the history of philosophy, this work proposes to problematize narratives that establish philosophy as an exclusively western production, emphasizing the historical processes that have rendered African thought invisible. In this context, the study presents Maat not only as a deity of the Egyptian pantheon, but as a foundational principle of the organization of the universe, social life, and ethical conduct in ancient Egypt. The research also discusses the centrality of the feminine in Maat, understanding it as a principle of balance and continuity of life, in contrast to western interpretations-such as those of Aristotle- that have associated the feminine with irrationality or disorder. Furthermore, the study analyzes the relationship between philosophy, corporeality, and ethics, highlighting how the black female body can be understood as an expression of a living ethics in the face of processes of racialization and epistemic exclusion produced by coloniality. Finally, the work establishes connections between maatian ethics and contemporary debates on anti-racist education, especially within the framework of Brazilian Law 10.639/03, emphasizing its contribution to the philosophical field and to the construction of pedagogical practices committed to social justice and the appreciation of epistemological plurality.

**Keywords:** African philosophy; Kemet and ancient Egypt; Maat.

## SUMÁRIO

|          |                                                                                         |           |
|----------|-----------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                 | <b>11</b> |
| <b>2</b> | <b>A FILOSOFIA DO CORAÇÃO: ÉTICAS ANCESTRAIS E AFETIVAS EM MAAT .....</b>               | <b>18</b> |
| 2.1      | Kemet e a força motriz de uma ética ancestral em Maat .....                             | 19        |
| 2.2      | O feminino e o ib (coração): a afetividade nos princípios éticos de Maat .....          | 23        |
|          | Considerações parciais .....                                                            | 27        |
| <b>3</b> | <b>MAAT, MULHER E COSMOS: O FEMININO NEGRO COMO FUNDAMENTO FILÓSOFO .....</b>           | <b>30</b> |
| 3.1      | Maat como símbolo do feminino negro ancestral .....                                     | 32        |
| 3.2      | Filosofia, corporeidade e cuidado: o corpo negro feminino como ética viva .....         | 36        |
|          | Considerações parciais .....                                                            | 39        |
| <b>4</b> | <b>EDUCAR PARA A JUSTIÇA CÓSMICA: MAAT E OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA .....</b> | <b>41</b> |
| 4.1      | A ética maática e a Lei 10.639/03: enfrentando o racismo epistêmico .....               | 42        |
| 4.2      | Currículo, liberdade e afetividade: Maat e a pedagogia da transgressão .....            | 46        |
|          | Considerações parciais .....                                                            | 49        |
| <b>5</b> | <b>CONCLUSÃO .....</b>                                                                  | <b>51</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                | <b>55</b> |
|          | <b>ANEXO .....</b>                                                                      | <b>57</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

### **Filosofias africanas entre margens e cosmos: Por que (re)conhecer Maat?**

A história da filosofia, tal como tradicionalmente nos é apresentada nos currículos escolares e universitários brasileiros, foi pensada e estruturada sob uma narrativa que privilegia a experiência europeia como origem e ápice da racionalidade (DUSSEL, 1993). A chamada “passagem do mito ao *logos*”, apresentada na Grécia Antiga, tornou-se o marco inaugural de um percurso filosófico que, não raramente, ignora ou minimiza outras tradições filosóficas existentes, anteriormente ou paralelamente, umas com as outras (MUDIMBE, 2013). Essa configuração não é neutra: trata-se de um recorte histórico que produziu hierarquias epistemológicas ao invisibilizar saberes africanos, consolidando, assim, uma visão eurocentrada de uma única filosofia (SANTOS; MENEZES, 2009).

O eurocentrismo, nesse contexto, não se limita a uma preferência geográfica, mas configura-se como uma estrutura epistemológica que estabelece a Europa como medida universal do pensamento racional (DUSSEL, 1993) (SANTOS; MENEZES, 2009). Ao definir o *logos* grego como marco inaugural da filosofia, institui-se, desse modo, um critério de legitimidade que desqualifica outras dimensões intelectuais de produzir conhecimento que não se enquadram nos moldes ocidentais de sistematização da escrita, da ordem cronológica da história e da distinção do limite do mito e da razão (MUDIMBE, 2013). Tal roteiro<sup>1</sup> não apenas exclui<sup>2</sup>, mas redefine quem pode ou não ser reconhecido como produtor de saber e filosofia. Isso acaba por silenciar, de forma histórica, as raízes africanas do pensamento (SANTOS; MENEZES, 2009).

A controvérsia em torno da origem da filosofia não é histórica, mas conceitual. Como evidência G.W.F. Hegel, ao situar o nascimento da filosofia na Grécia como momento inaugural do pensamento racional, a tradição ocidental estabelece um marco conceitual que delimita o que é ou não a filosofia (HEGEL, [S.D]). De modo semelhante, Martin Heidegger reforça essa concepção ao afirmar que a filosofia, em seu sentido pleno, tem origem no pensamento grego (HEIDEGGAR, 2001). O debate envolve a própria definição do que pode

---

<sup>1</sup> A ideia de que a filosofia surge na Grécia com a passagem do mito ao *logos* é recorrente em obras clássicas como na obra “História da Filosofia: do humanismo a Kant” de Giovanni Reale e Dario Antiseri, “Dicionário de Filosofia” e “História da Filosofia”, de Nicola Abbagnano, “História da Filosofia” de François Châtelet, e nas “Lições sobre a História da Filosofia” de G.W.F. Hegel, entre outros, que associam o nascimento da filosofia à emergência do surgimento do pensamento racional que está em ruptura com o mito.

<sup>2</sup> Reale, Giovanni. História da filosofia: Do Humanismo a Kant/ Giovanni Reale, Dario Antiseri; - São Paulo: Paulus, 1990. - (Coleção filosofia)

ser conhecido como filosofia e quais saberes filosóficos legitimam determinado pensamento como racional e sistemático. Ao longo da tradição ocidental, consolidou-se a ideia de que a filosofia nasce quando o mito é superado pelo *logos*, estabelecendo-se como condição necessária a ruptura com formas simbólicas e religiosas de pensamento. No entanto, essa definição não é neutra: ela reflete uma construção histórica situada, que privilegia determinados modos de produção intelectual em detrimento de outros. Questionar essa narrativa, portanto, implica problematizar os critérios que definem o estatuto filosófico de uma tradição.

O problema que fundamenta esta monografia, portanto, insere-se exatamente nesse contexto: a marginalização das filosofias africanas - em especial a do pensamento kemético - no interior da tradição filosófica hegemônica. Durante séculos, o continente africano foi retratado como espaço reservado à mitologia, à oralidade e à religiosidade, mas nunca foi retratado como um território de produção sistemática de saber, de pensamento racional. Tal leitura reforçou estigmas coloniais associados ao Egito antigo que contribuíram com a propagação e exclusão das matrizes africanas do debate filosófico formal.

Entretanto, estudos contemporâneos têm demonstrado que essa narrativa é histórica e politicamente construída. O filósofo e egiptólogo congolês Théophile Obenga evidencia que no Egito antigo havia uma tradição filosófica sólida, fundamentada em conceitos próprios, linguagem técnica e textos de sabedoria sistematizados. Segundo o filósofo

“O verbo *rekh* (escrito com os sinais hieroglíficos de “boca”, “placenta” e [com o] “papiro enrolado, amarrado e selado”) significa ‘saber’ ou ‘estar ciente de’, mas também ‘aprender’. [...] O homem sábio (*rekh* ou *sai*) agarra em sua mente com clareza e certeza o que é conhecido distintamente para ele” (OBENGA, 2004, p. 5). [...] “Assim, o conceito *rekhet* (escrito com hieróglifo para nações abstratas) significa ‘conhecimento’, ‘ciência’, no sentido de filosofia, isto é, investigação sobre a natureza das coisas (*khet*) com base em conhecimento preciso (*rekhet*) e bom (*nefer*) julgamento (*upi*)” (OBENGA, 2004, p.5)

Tais conceitos demonstram que o pensamento kemético não apenas possui categorias filosóficas próprias, como também articula uma tradição reflexiva sobre ética, política, cosmologia e educação. Como afirma Obenga, “uma grande tradição filosófica e científica existia no antigo Egito (2004, p.7)”. Reconhecer essa tradição, portanto, implica rever a própria narrativa das origens da filosofia.

Esta pesquisa não pretende sustentar uma tese simplista de anterioridade cronológica entre Egito e Grécia, tampouco estabelecer uma relação de dependência linear entre ambas as tradições. Também não busca substituir um centro por outro, invertendo hierarquias. O

objetivo do trabalho é analisar o conceito de Maat como princípio originário das filosofias africanas no antigo Egito(Kemet), destacando suas dimensões ontológica, afetiva, ética, política, cosmológica e pedagógica. Trata-se, desse modo, de ampliar o horizonte interpretativo da filosofia ao reconhecer a pluralidade de suas origens, bem como suas formas de expressões.

Nesse horizonte, torna-se urgente discutir a necessidade de descolonização<sup>3</sup> do pensamento filosófico. Descolonizar não significa negar a importância da filosofia grega ou europeia, mas problematizar sua centralidade exclusiva. Significa reconhecer que a produção de conhecimento é plural, situada e historicamente condicionada. Ao longo da formação acadêmica e das experiências docentes que motivaram esta pesquisa, observou-se que o currículo filosófico raramente contempla as filosofias africanas como parte constitutiva da história do pensamento. Tal ausência não é meramente pedagógica; é sintoma de uma estrutura epistemológica que seleciona quais vozes podem ser legitimadas.

Descolonizar o pensamento filosófico implica questionar a pretensão de universalidade abstrata que marcou momentos da tradição filosófica moderna. Significa reconhecer que todo conhecimento é historicamente situado e culturalmente constituído, por mais que possa aspirar à universalidade. A descolonização não consiste na negação da tradição ocidental, mas sim na crítica à sua centralidade exclusiva como paradigma único de racionalidade. Ao abrir espaço para outras vertentes epistêmicas, amplia-se a compreensão da própria filosofia enquanto exercício plural de reflexão crítica sobre a existência, a justiça e a ordem do mundo.

Nei Lopes e Luiz Antonio Simas(2022), defendem que as culturas africanas e afrodiáspóricas se organizam a partir de uma lógica comunitária e ancestral, na qual o pertencimento estabelece sentido para vida. Para eles, contar as histórias dos antepassados é manter viva a tradição e garantir a continuidade entre passado, presente e futuro. Essa concepção rompe com o individualismo moderno e apresenta uma ontologia relacional, na qual o saber é partilhado e vivido coletivamente. Nas palavras dos autores,

---

<sup>3</sup> Para Cheikh Anta Diop, a descolonização do pensamento filosófico consiste na reconstrução crítica da história africana, tomando como bases as próprias raízes, rompendo dessa forma, as interpretações eurocêtricas que distorceram e negaram a contribuição dos conhecimentos dos povos africanos na história da filosofia. Nesse sentido, o autor denuncia que “o Ocidente não tem sido calmo o suficiente e objetivo o suficiente para nos ensinar corretamente a nossa história sem falsificações grosseiras” e defende ainda que “devemos restaurar a consciência dos povos africanos e reconquistar uma consciência Prometéia” (DIOP, 1973, p.16-18). Assim, descolonizar, para Diop, implica não apenas revisar conteúdos históricos, mas recuperar a autonomia epistemológica, cultural e científica dos povos africanos, tendo como eixo de partida o Egito antigo (Kemet) como elemento central dessa reconstituição histórica e identitária.

Pertencer a uma comunidade estabelece sentido para a vida de cada indivíduo e fundamenta a ideia de tradição como elo: contamos as histórias dos nossos antepassados para a comunidade, para que um dia nossos descendentes contêm as nossas histórias. (LOPES; SIMAS, 2022, p.32)

É nesse contexto teórico e epistemológico que emerge a presença de Maat como chave interpretativa desta investigação. Ao analisar Maat como princípio ético que rege a vida social, política e cósmica do antigo Egito, esta pesquisa contribui para o reconhecimento da filosofia kemética como tradição normativa e sistemática. Mais do que apresentar Maat como símbolo religioso, a pesquisa se desbrava em evidenciar a função reguladora da deusa enquanto fundamento filosófico de justiça, verdade e harmonia. Dessa forma, o estudo propõe inserir o pensamento maático no debate contemporâneo sobre ética e pluralidade filosófica evidenciando sua relevância não apenas histórica, mas também teórica.

Em Kemet - denominação antiga do Egito, que significa “terra preta” ou “terra fértil” - Maat era representada simbolicamente como deusa, mas sua dimensão transcende a religiosidade mítica. Trata-se de um princípio ordenador que fundamenta a vida social, ética e cósmica, ao articular a verdade, justiça, harmonia e equilíbrio universal (SILVA, 2014). Nesse sentido, a ética kemetica não se restringe a normas externas ou a um sistema jurídico, mas constitui uma realidade ontológica que atravessa a existência. Viver de acordo com Maat, implica alinhar-se à ordem do cosmos, de modo que a vida individual e coletiva só se realiza plenamente na medida em que participa dessa harmonia.

Para Obenga,

“Maat é a realidade como um todo, isto é, a totalidade de todas as coisas que possuem realidade, existência ou essência. Maat é aquilo que existe objetivamente. De fato, Maat é aquilo que tem a existência necessária e não apenas contingente. É por isso que Maat está em toda parte e permeia toda a criação (er-djer). Significa também que Maat é a pertinente a todas as esferas da realidade: a divina ou a sagrada, a cósmica, a física, a política e a familiar”. (OBENGA, 2004, p. 24).

Ele aprofunda ainda mais quando diz que

“Maat é a mais alta concepção de lei física e moral conhecida dos antigos egípcios. Assim é que a deusa Maat era a personificação da lei, ordem, regra, verdade, retidão, certo, cânone, justiça, franqueza, integridade, consciência e perfeição. A civilização egípcia foi construída sobre este conceito inclusivo, com sua grande fecundidade de significado. No entanto, falar de Maat é inútil, se não for praticado. Na verdade, Maat é um modo de vida e espiritualidade.” (OBENGA, 2004, p. 25).

Desse modo, Maat não pode ser compreendida apenas como princípio ético abstrato, mas como fundamento ontológico que permeia todas as esferas da realidade. O Estado

faraônico organizava-se segundo os princípios políticos de Maat, de modo que governar significa governar segundo a justiça e a harmonia universal (SILVA, 2024, p.4). A política, portanto, não estava dissociada da ética, nem tampouco a ética da cosmologia. A ordem social em Kemet, era a extensão da ordem cósmica.

Outro aspecto central a ser evidenciado dessa ética, refere-se à concepção de ser humano. No pensamento kemético, o coração (ib) era compreendido como sede coexistente da razão e da emoção. Para o filósofo congolês Théophile Obenga (2004, p.7), a razão, emoção, espírito e corpo não eram concebidos como entidades opostas ou conflitantes. Silva(2024, p.120) complementa essa afirmativa ao relatar que o coração representa tanto a vida instintiva quanto a racionalidade da sociedade kemética, sendo o ib responsável pelo julgamento do indivíduo logo após a sua morte.

Essa unidade antropológica do antigo Egito, indica que a ética maática pode ser compreendida como uma ética da integralidade. Não há aqui uma separação entre o pensamento racional e o afetivo, entre o moral e o cósmico. O equilíbrio em Maat torna-se interior do indivíduo que reflete a estabilidade universal do cosmos. Desse modo, a prática ética é inseparável do modo vida da sociedade kemética. Além disso, o saber filosófico no antigo Egito era relacional e comunitário. “O saber filosófico não era individualista, mas sempre relacional: pertencia à comunidade e à ancestralidade”(SILVA, 2024, p.8). Os textos sapienciais(sebayt) transmitiam ensinamentos de geração em geração, consolidando, assim, a memória coletiva e a autoridade dos ancestrais. Portanto, compreender a filosofia em Kemet exige reconhecê-la como uma prática viva de continuidade ancestral, na qual pensar não se dissocia do viver, e a manutenção da ordem universal se realiza por meio da relação ética entre indivíduo, comunidade e cosmos.

Nesse sentido, pode-se compreender a ética maática como ética da ancestralidade e da afetividade. A afetividade não é aqui um sentimentalismo puramente emocional, mas sim como reconhecimento da interdependência entre os seres e o todo. Como expõe Santos e Cunha Jr. (2021, p.12), “Maat representa um princípio de ordem universal que abrange tanto os fenômenos físicos quanto às relações humanas. A justiça, nesse ínterim, é condição de equilíbrio cósmico”. Pontes (2024) sintetiza essa dimensão prática ao afirmar que a filosofia de Maat está em todos os lugares. Nas palavras dela: é preciso existir para pensá-la, é preciso viver para pensá-la. Tal afirmação evidencia que o pensamento maático não se reduz apenas a uma mera especulação teórica, mas sim que constitui os modos de vida e a prática cotidiana de Kemet.

Diante disso, esta monografia propõe-se investigar Maat como princípio ético originário das filosofias africanas no antigo Egito (Kemet), analisando, dessa forma, a sua dimensão ontológica, ética, política, pedagógica e comunitária. Ao desenvolver este trabalho, pretende-se contribuir para o processo de descolonização do pensamento filosófico, ao ampliar o horizonte interpretativo da filosofias ou filosofia, e assim, reafirmar a centralidade do pensamento africano na construção histórica da produção de saberes.

Metodologicamente, esta pesquisa caracteriza-se como um estudo bibliográfico de natureza histórico-filosófica, fundamentada na análise hermenêutica de textos clássicos e contemporâneos das filosofias africanas. Essa análise parte da leitura crítica que visa compreender Maat não apenas como uma figura religiosa mas como princípio ético-ontológico estruturante do pensamento kemético. A abordagem da pesquisa busca articular história da filosofia, epistemologia e ética africana ao situar o debate no campo das reflexões decoloniais.

A relevância desta investigação também dialoga com os debates educacionais contemporâneos no Brasil, especialmente no que se refere à Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Nesse contexto, torna-se fundamental destacar que o Egito antigo (Kemet) é parte fundamental do continente africano, o que reafirma, dessa forma, sua inserção nas matrizes civilizatórias da construção do pensamento assegurada pela lei 10.639/03. Assim, reconhecer o Egito como uma civilização integrante de África, implica ampliar os horizontes da compreensão das contribuições do continente para a formação do pensamento humano, o que rompe, dessa forma, com as leituras eurocêntricas que historicamente dissociaram de África. Ao proporcionar o reconhecimento da filosofia kemética como parte integrante da tradição filosófica, este trabalho promove a ampliação de novos horizontes curriculares para ser consolidado como práticas pedagógicas comprometidas com a pluralidade epistemológica e com a valorização das matrizes africanas do pensamento.

Estruturalmente, esta monografia organiza-se em três momentos principais: no primeiro, discute-se a ética ancestral presente em Maat a partir da compreensão de Kemet como espaço de produção filosófica africana, ao enfatizar o coração (*ib*), a afetividade e o feminino como fundamentos éticos da existência; No segundo momento, analisa-se Maat enquanto símbolo do feminino negro ancestral, relacionando a corporeidade, o cuidado e a experiência do corpo negro feminino como expressão viva de uma ética filosófica fundamentada na harmonia, no equilíbrio e na coletividade; Por fim, o terceiro momento desenvolve a relação da ética maática e os caminhos da educação antirracista, refletindo a

partir da Lei 10.639/03, o enfrentamento do racismo epistêmico e a construção de práticas pedagógicas fundamentadas na liberdade, afetividade e justiça cósmica. Desse modo, o percurso da pesquisa busca evidenciar Maat não apenas como princípio ético do antigo Egito, mas como fundamento filosófico africano capaz de contribuir nos processos de descolonização do pensamento, valorização das ancestralidades negras e na construção de práticas educativas emancipadoras.

Portanto, reconhecer Maat como princípio ético e cosmológico não é apenas um gesto de resgate histórico, mas um movimento epistemológico que desloca o olhar das margens às quais o pensamento kemético foi historicamente relegado para o centro do debate filosófico. Trata-se de afirmar que a filosofia não nasce exclusivamente de um único solo cultural - branco, ocidental e hegemônico -, mas floresce em múltiplos territórios históricos e civilizatórios. Ao reconhecer o pensamento kemético como produção filosófica legítima, amplia-se o horizonte da racionalidade e reafirma-se a necessidade de uma filosofia comprometida com a pluralidade de suas origens. Assim, este trabalho não se limita a apresentar Maat como divindade do antigo Egito, mas sim assumir uma posição epistemológica clara: o pensamento filosófico é plural. Nesse sentido, a ética maática emerge não apenas como objeto de estudo, mas como convite para reconstruir uma consciência filosófica mais justa, inclusiva e verdadeiramente universal em sua diversidade.

## 2 A FILOSOFIA DO CORAÇÃO: ÉTICA ANCESTRAL E AFETIVA EM MAAT

Pensar a filosofia africana por meio de Maat<sup>4</sup> é retornar ao horizonte originário onde o pensamento, antes de se tornar abstrato ou fragmentado, era gesto, corpo, comunidade e cosmos. O presente capítulo, tem por finalidade construir essa compreensão da filosofia africana, inaugurando uma travessia pela filosofia do coração, onde o modo de pensar não dissocia razão e afetividade, justiça e memória, indivíduo e ancestralidade. Pois, ao contrário das leituras eurocêntricas que costumam reduzir a filosofia africana kemética a um fenômeno arqueológico, este trabalho assume Kemet (o Egito antigo) como território filosófico vivo - um campo em que o pensamento africano emerge como força espiritual, política e afetiva na história da filosofia.

Ao revisitarmos a cosmologia mitológica com Maat, significa retomar a concepção africana de que a vida só encontra plenitude quando se inscreve no equilíbrio universal. Em Maat, pensar é harmonizar, agir é escutar, e viver é manter a conduta da justa medida entre o que se sente e o que se faz. A filosofia, desse modo, nasce do coração não como uma metáfora para justificar a existência do ser, mas como uma realidade ontológica do ser que preza e pesa o equilíbrio de suas ações: o *ib* (coração) é o centro desse ser, ou seja, o lugar que articula a memória, a intenção, o discernimento e a verdade. É no coração que o ser humano dialoga com sua ancestralidade, o cosmos e seus afetos.

Este capítulo, portanto, é o fio condutor para compreendermos que o princípio orientador da vida em África não é um sistema normativo externo, mas sim uma sabedoria de pertencimento interno. Diferentemente do que aborda os filósofos modernos, que privilegia a autonomia isolada do indivíduo, a filosofia maática parte da interdependência entre o eu e o outro: ninguém existe sozinho; todo ser é continuação de outros seres. A vida, em Maat, é um tecido de relações e o coração é o fio condutor que costura essas relações com a serenidade, a escuta e a responsabilidade do eu com o outro.

Entender essa dinâmica organizacional de Kemet é perceber também que a filosofia do coração é uma pedagogia: ela nos ensina a cultivar o silêncio ativo, a escuta profunda, a palavra equilibrada e a postura justa diante das adversidades impostas pelo mundo. Dessa

---

<sup>4</sup> Maat é um conceito importante e muito central na cosmologia do Antigo Egito(Kemet), cujo significado designa verdade, justiça, ordem e harmonia universal. Além de sua dimensão cosmológica, Maat também rege os princípios éticos que orientam a vida social, política e moral dos povos egípcios, tais princípios funcionam como fundamentos de sabedoria para a conduta das ações humanas e da organização do pensamento africano. Mais do que um simples princípio abstrato, Maat é também personificada como uma Deusa, frequentemente representada como uma pena na cabeça, símbolo utilizado no julgamento das almas no além-vida(psicostasia), no qual o coração do morto é pesado em relação à pena de Maat no tribunal de Osíris. Esse conceito, está presente em diversos textos da tradição egípcia, como por exemplos nos “escritos das Pirâmides”, nos “textos dos sarcófagos” e no “Livro dos Mortos”.

forma, ao discutirmos sobre Maat, não falaremos apenas de uma organização moral antiga, mas de uma ontologia da harmonia, cujo núcleo é profundamente afetivo e ancestral. O que está em pauta aqui, é um modo de existir que integra o ser humano a um fluxo universal do pensamento africano, reconhecendo que cada ação repercute na co-criação do cosmos. Portanto, o agir ético aqui, não é um mandamento: é uma escolha que honra os ancestrais, fortalece a comunidade e mantém o cosmos respirando.

Ao longo deste capítulo, será mostrado como a filosofia africana não começou com abstrações, mas com experiências de vida; ela não nasceu do isolamento, mas da convivência; ela não se construiu sobre ideias desencarnadas, como as defendido pelo eurocentrismo, mas sim sobre o pulsar do coração. Maat é a síntese dessa visão filosófica em África — um princípio que organiza, nutre e sustenta o universo por meio da leveza, da escuta e do cuidado. Por fim, ao explorar suas dimensões cosmológica e ética, veremos como a ancestralidade e a afetividade se tornam forças estruturantes do pensamento africano, cuja finalidade está baseada em compreender que Maat não é simplesmente uma ideia, mas sim uma prática afetiva e ancestral do pensamento do Egito Antigo (Kemet).

## **2.1 Kemet e a força motriz de uma ética ancestral em Maat**

A ética em Kemet nasce do cosmos e a ele retorna. Toda ação humana é pensada como gesto que repercute na ordem universal, e é essa relação de equilíbrio que define a vida ética no Egito antigo. O universo kemético é relacional, e a filosofia, uma pedagogia da harmonia. Nesse sentido, os textos de sabedoria indicam que governar implica alinhar-se a Maat, isto é, agir conforme a justiça, a verdade e a ordem universal (SILVA, 2024). Assim, a justiça não é um código imposto, mas uma ontologia de vibração que atravessa o ser e orienta a existência. Viver de acordo com Maat é ser instrumento da harmonia que sustenta a criação, na qual a vida individual e coletiva só se realiza plenamente quando está em consonância com a ordem harmônica.

A ética maática, entretanto, não pode ser compreendida fora do âmbito da experiência da ancestralidade. Em Kemet, o saber não nasce de um indivíduo isolado, mas dá continuidade de uma memória que se prolonga através do tempo. O conhecimento, portanto, é sempre um retorno: aprender é recordar, e recordar é religar-se à origem. O pensamento kemético é um movimento circular que reencontra nos ancestrais o sentido e o valor da existência.

A força motriz dessa ética ancestral reside na convicção de que os antepassados são presença viva e orientadora. Eles não são figuras do passado, mas presenças espirituais que

sustentam o equilíbrio entre os vivos, os mortos e os que ainda nascerão. Viver segundo Maat é, portanto, viver com a consciência de pertencer a uma linhagem cósmica — uma teia de vida em que tudo está interligado, em que tudo é relacional.

A ancestralidade em Maat não é e nunca será um culto à nostalgia, mas sim uma filosofia da continuidade. Ela propõe uma ontologia em que o tempo não é linear, mas espiralado: o passado alimenta o presente dos que vivem o agora, e assim, delineia o futuro dos que virão. A sabedoria (rekh) surge desse movimento, pois conhecer é atualizar a memória dos ancestrais, é fazer da tradição comunitária e coletiva um gesto vivo de (re)criação do cosmo. Assim, a ética maática é também uma pedagogia da memória — um exercício de escuta dos antigos para discernir o caminho do equilíbrio cósmico.

Essa ética ontológica da sabedoria ancestral, conceito este que expressa o saber como modo de vida, manifesta-se como a expressão viva da memória e da harmonia cósmica. Obenga explica que a

Filosofia nos tempos do antigo Egito faraônico era uma espécie de atividade pedagógica de ensinamento da sabedoria (sebayt) dos antigos sábios, que eram estudiosos, sacerdotes, oficiais e altos funcionários ao mesmo tempo. De fato, o verbo rekh (escrito com os signos hieroglíficos de “boca”, “placenta” e “papiro enrolado, amarrado e selado”) significa “saber” ou “estar ciente de algo”, mas também “aprender”. Os seres humanos conhecem através do aprender, isto é, por meio da experiência ou condicionamento, da educação ou dos estudos. A palavra rekh (quando escrita com o hieróglifo de um homem sentado) significa “prudente”, isto é, uma pessoa culta, um erudito, um filósofo. Portanto o conceito de rekhet (escrito com hieróglifos que remontam a noções abstratas) significa uma espécie de “conhecimento”, um tipo de “ciência” no sentido de “filosofia”, isto é, perguntar pela natureza das coisas (khet) baseado no conhecimento acurado (rekhet) e bom (nefer) discernimento (upi). A palavra upi significa “julgar”, “discernir”, o que é “dissecar”. A palavra cognata upet significa “especificação”, “julgamento” e upset quer dizer “específico”, isto é, dar os detalhes de algo. Na língua egípcia “sabedoria” e “prudência” são expressas pela mesma palavra: sat (o hieróglifo determinativo é muito característico; trata-se de um homem com a mão na boca). Com efeito, ser sábio (sai) é ser prudente (sai); também significa “silencioso”, isto é, sagaz em lidar com variados assuntos e exercitar bom julgamento.” (OBENGA, 2004, p.33-34).

Assim, conhecer é discernir, e discernir é viver em conformidade com o pensamento maático. Silva (2024, p.6) desenvolve essa mesma ideia ao afirmar que: “A sabedoria (rekh) era entendida como a capacidade de viver em conformidade com Maat. Não se tratava apenas de conhecimento técnico, mas de uma sabedoria prática e ética”.

Desse modo, a sabedoria dos antepassados não é transmitida como um dogma, mas como uma vibração, uma herança que se encarna em gestos, rituais, palavras e modos de vida. É por isso que o saber, em Kemet, era inseparável da comunidade: a verdade não

pertencia a um, mas a todos. O sábio não era aquele que dominava o conhecimento, mas aquele que o partilhava com respeito e reverência.

Na tradição africana, a figura do ancestral simboliza a unidade entre o humano e o divino. O ancestral é aquele que aprendeu a viver segundo Maat, e por isso se tornou espelho da ordem cósmica. Ao honrar o ancestral, o povo de Kemet reafirmava o compromisso com o equilíbrio universal. O culto aos mortos, as oferendas e os ritos não eram apenas atos religiosos, mas expressões éticas: maneiras de manter viva a harmonia entre os mundos.

Essa dimensão ética da ancestralidade atravessa todos os aspectos da vida social. O faraó, como mediador entre os deuses e o povo, tinha a responsabilidade de governar conforme os princípios de Maat, não apenas para garantir a justiça terrena, mas para preservar a continuidade da (co)criação da ordem cósmica. O mau governo, o egoísmo e a mentira eram considerados formas de ruptura com os ancestrais e, portanto, ameaça ao próprio cosmos.

Essa ética ontológica, sustentada pela ancestralidade, se reflete também na prática da sabedoria cotidiana. O sábio é aquele que encarna a justiça em seus gestos diários. Ele não se distancia do mundo para contemplá-lo, mas se insere nele para manter o equilíbrio. “O sábio no Egito era aquele que se deixava instruir pelos ancestrais, que aprendia a partir dos textos de instrução (sebayt), constituindo um elo vivo com a tradição” (SILVA, 2024, p. 7).

A ancestralidade, então, não é um tema periférico, mas o núcleo da filosofia maática. É ele que garante o sentido do agir humano e orienta o discernimento ético. Quando o ser humano se desliga de seus antepassados, perde também o vínculo com a verdade — e é justamente esse vínculo que Maat preserva. A harmonia não é só uma condição externa, mas uma experiência interior que nasce do (re)conhecimento de que somos extensão de uma história maior do que nós mesmos.

Renato Nogueira (2011) retoma essa concepção ao afirmar que a ética kemética é um exercício de serenidade, uma travessia do coração. Nas palavras dele:

Na cultura kemética, ética diz respeito ao agir reto, à capacidade de viver em equilíbrio consigo diante dos desafios e escolhas. O que passa por um exercício filosófico de afastamento da inflamação que impede o discernimento. A capacidade de discernir é um tipo de travessia existencial dentro de uma barca que não se deixa levar pelas intempéries externas. Ou seja, mesmo diante dos problemas concernentes à vida, não devemos ter pressa em respondê-los, correndo o risco de que a irritação seja guia do pensamento e das palavras. (NOGUEIRA, 2011, p. 150).

A metáfora da travessia, recorrente em sua leitura, aparece na figura da barca: o viver ético é navegar serenamente sobre as águas turbulentas da existência, sem se deixar dominar pelas tempestades das paixões. Em suas palavras: A barca carrega a ideia de que a travessia é uma experimentação. “[...] A pessoa que tem lugar na cabine de sua barca tem a tarefa de educar os que não têm barca” (NOGUERA, 2011, p. 149).

Em Kemet, o coração humano é o espaço onde os ancestrais falam. Cada decisão, cada palavra e cada gesto ecoam a memória coletiva. O bem, portanto, é aquilo que mantém o elo entre o indivíduo e sua comunidade ancestral; o mal, é o que rompe esse elo e a sabedoria é o exercício constante de escutar as vozes antigas que ensinam a medida justa do bem viver. Essa escuta é o que transforma o conhecimento em sabedoria. Saber, no sentido kemético, é estar em sintonia com as forças que regem o universo, é reconhecer-se parte do mesmo sopro que move os deuses e os homens. Por isso, a filosofia maática é também uma mística da presença: pensar é relembrar, e relembrar é agradecer. Assim, o saber em Maat é um saber que conduz e educa, uma pedagogia do discernimento. O filósofo kemético não é um teórico, mas um guia da travessia ética — aquele que ensina o equilíbrio do coração.

O saber filosófico em kemet não se organiza de forma individualista, mas como uma prática profundamente relacional vinculada à comunidade e à ancestralidade. Fazer filosofia e filosofar implica, portanto, participar de um fluxo de memória e afeto que atravessa gerações, no qual os saberes são preservados e atualizados coletivamente (SILVA, 2024). Renato Noguera denomina esse exercício de “cardiografia do pensamento”, isto é a arte de pesar as palavras e ações humanas a partir do *ib* (coração). Nas palavras de Noguera:

A cardiografia é a técnica de ajuste da balança e mensuração e reescrita das palavras a partir do parâmetro da verdade. Cardiografar quer dizer fazer que as palavras que passem pelo coração sejam equilibradas, harmônicas, isto é, tenham o mesmo ‘peso’ da verdade. (NOGUERA, 2011, p. 7)

Essa “técnica do coração” mostra que o ato de pensar é também um ato de sentir, e que a filosofia kemética é, acima de tudo, um aprendizado de si. “Fazer filosofia, em Kemet, significava honrar os ancestrais e manter viva a ligação com a ordem universal” (SILVA, 2024, p. 11).

A ética ancestral de Maat se apresenta, assim, como uma pedagogia do pertencimento. Ela ensina que o ser humano é sempre um elo, nunca um ponto isolado. Essa consciência de continuidade é o que impede a fragmentação e o esquecimento do ser humano. Quando o

coração humano se distancia da ancestralidade, perde a sua leveza e se torna pesado, incapaz de ouvir o chamado da verdade (Maat).

Em última instância, viver segundo Maat é viver em comunhão com o tempo ancestral. O tempo ancestral significa compreender que cada gesto ético é também uma oferta aos que vieram antes e deixar uma semente para os que virão depois. Ancestralidade, nesse interim, é o solo fértil da filosofia do coração: é dela que brotam a justiça, a serenidade e a sabedoria que sustenta o cosmo. A ética maática, portanto, é uma pedagogia do equilíbrio, da memória, do tempo e da serenidade dos mundos material e divino. O coração é o espaço da razão viva, ou seja, da verdade caracterizada pela conduta humana, e o saber é a travessia que o conduz à essa harmonia.

## **2.2 O feminino e o ib (coração): a afetividade nos princípios éticos de Maat**

Se o coração é o centro da filosofia kemética, o feminino é o seu alicerce simbólico. Maat, representada como uma mulher negra, é o princípio da leveza e da medida. Ela é a imagem da justiça que não oprime, mas equilibra.

Noguera descreve essa relação cosmológica ao afirmar que:

Maat é representada como uma mulher (negra) segurando o símbolo de Ankh [vida] numa das mãos e um cetro na outra, ela usa uma pena de avestruz na coroa. [...] “Maat” circunscreve retidão, verdade, harmonia e justiça. Ela é filha de Rá, deus do sol, casada com Toth, deus do conhecimento e da escrita, responsável por pesar o coração dos que deixam o mundo dos “vivos”. Maat dá a medida da balança, o juízo pautado pela verdade.” (NOGUERA, 2011, p. 150-151)

Obenga vai muito além ao descrever Maat como força feminina na construção do pensamento filosófico africano. Nas palavras dele:

“Maat é a realidade como um todo, isto é, a totalidade de todas as coisas que possuem realidade, existência ou essência. Maat é aquilo que existe objetivamente. De fato, Maat é aquilo que tem a existência necessária e não apenas contingente. É por isso que Maat está em toda parte e permeia toda a criação (er-djer). Significa também que Maat é a pertinente a todas as esferas da realidade: a divina ou a sagrada, a cósmica, a física, a política e a familiar”. (OBENGA, 2004, p. 24). [...] “Maat é a mais alta concepção de lei física e moral conhecida dos antigos egípcios. Assim é que a deusa Maat era a personificação da lei, ordem, regra, verdade, retidão, certo, cânone, justiça, franqueza, integridade, consciência e perfeição. A civilização egípcia foi construída sobre este conceito inclusivo, com sua grande fecundidade de significado. No entanto, falar de Maat é inútil, se não for praticado. Na verdade, Maat é um modo de vida e espiritualidade.” (OBENGA, 2004, p. 25).

A figura de Maat revela que o equilíbrio não é uma rigidez, mas um gesto de cuidado. O feminino maático remonta a ideia de que a justiça é também afeto, e que o poder reside na capacidade de nutrir a vida. Dessa forma, a afetividade, no pensamento de Maat, é mais do que emoção: é uma força ontológica que sustenta a ordem da existência humana. No coração (ib), as forças da razão e da sensibilidade não se opõem, mas se entrelaçam para produzir o discernimento. É nesse entrelaçamento que se pesa a verdade e se equilibra a vida. O coração é a sede do julgamento das ações humanas, mas também da compaixão; é onde o humano se faz mediador entre o divino e o terreno.

O coração (ib), por sua vez, é o lugar onde a verdade se mede. “[...] depois de morrer, o coração [Ib] é posto na balança de Maat (deusa da verdade, harmonia e equilíbrio) que coloca a pena de íbis para mensurar se o coração é mais leve para abrir passagem para uma vida justa e feliz.” (NOGUERA, 2011, p. 6). Esse julgamento, simbólico e ético, expressa que a leveza do coração é o critério da verdade.

A afetividade maática não se reduz ao sentir, mas se manifesta como sabedoria encarnada como, por exemplo, a capacidade de reconhecer a interdependência entre os seres. O coração leve não é o de quem sente menos, mas o de quem sente com profundidade e discernimento. A leveza é o fruto de um sentir consciente — uma afetividade que não é embasada e nem dominada pelo impulso, mas guiada pelo equilíbrio das ações humanas. Para Noguera, “pensar não pode ser separado de sentir e vice-versa” (NOGUERA, 2011, p. 8). A filosofia maática é, assim, uma ética da afetividade equilibrada: o coração pesado é aquele inflamado pelo egoísmo e pela mentira; o coração leve é aquele que aprendeu a serenidade e o cuidado das ações tomadas.

O afeto em Maat, é também um princípio político. Em um mundo regido pela harmonia cósmica dos ancestrais, o afeto torna-se o primeiro critério da justiça. O governante que não escuta o coração não pode governar com Maat, porque a justiça nasce da empatia, da capacidade de se colocar no lugar do outro e de reconhecer a dor e a alegria do outro como suas. Assim, governar, cuidar, educar e amar são expressões de uma mesma força afetiva: o compromisso de manter o equilíbrio cósmico em harmonia com Maat.

Silva observa que em Maat, “a justiça não era apenas uma questão jurídica, mas uma realidade ontológica” (SILVA, 2024, p. 5). Essa ontologia é feminina, pois a vida só floresce quando o coração é nutrido pela leveza e pela reciprocidade de si e do outro. O coração, como centro da ética kemética em Maat, ensina que toda ação deve ser medida pelo amor. O amor aqui, não se refere ao sentimentalismo — mas à responsabilidade. Amar é sustentar a

existência do outro, é cuidar para que a vida floresça em harmonia com o cosmos. A afetividade maática é o exercício de manter-se em harmonia mesmo diante da desordem existente no mundo. É o gesto de quem busca a verdade com doçura e firmeza, sem se deixar arrastar pelos sentimentos de indignação, raiva e indiferença imposta pelo desequilíbrio cósmico.

O feminino em Maat traduz essa potência de equilíbrio harmônico, uma vez que representada com uma pena sobre a cabeça, o símbolo da leveza da verdade, a deusa encarna o princípio de que a justiça só pode ser alcançada quando a vida é sustentada pelo cuidado dos afetos. O feminino é o eixo da criação: é o que acolhe, gera e ordena. A afetividade, nesse sentido, é a própria respiração da existência, aquilo que une o caos ao cosmos, transformando a desordem em harmonia.

Théophile Obenga complementa essa perspectiva ao afirmar que ““O homem sábio ou a mulher sábia, claro, ama a verdade (Maat). Ele/a é perspicaz, marcado/a por uma consciência aguçada e uma inteligência penetrante, porque ele/a recebeu instrução formal” (OBENGA, 2004, p. 5). Essa instrução é o aprendizado do coração — a escuta da voz interior, a medida justa das ações e emoções, o reconhecimento do outro em si. Em Maat, o coração é um espelho do feminino cósmico. Assim como a deusa equilibra os mundos, o coração equilibra os sentimentos. É nele que se decide o destino da alma, e é nele também que a verdade se faz presente. O julgamento do coração não é simplesmente um rito de passagem, mas sim uma metáfora da vida cotidiana: a cada gesto, o ser humano é convidado apesar suas intenções e a purificar seus afetos.

Noguera chama essa prática de geru maa, isto é, a virtude da serenidade: “A virtude do silêncio (que remete à concepção de bem viver) é incansavelmente perseguida por Amenemope<sup>5</sup> indica o esforço de conduzir uma existência justa baseada no espírito de Maat, deusa que circunscreve verdade, justiça, harmonia e equilíbrio” (NOGUERA, 2011, p. 2).

O silêncio é aqui sabedoria: não ausência de palavra, mas palavra medida. Ser ético é falar com o peso da verdade e agir com o ritmo do cosmos, ou seja, da interação, dos afetos, da partilha de uns com os outros. Nesse sentido, a afetividade é o modo pelo qual o ser humano participa e organiza a própria ordem cósmica, pois quando o coração individual e coletivo está em harmonia, o universo vibra em equilíbrio; e quando ambos se desordenam, o mundo também se perturba e desequilibra. Essa interdependência entre ordenar as relações

---

<sup>5</sup> Amenemope foi um escriba e sábio egípcio do Novo império(c. século XIII a.C.), autor das Instruções de Amenemope, obra sapiencial que apresenta ensinamentos éticos voltados à moderação, ao silêncio, ao autocontrole e à vida em conformidade com Maat, princípio de verdade, justiça e equilíbrio no pensamento kemético.

humanas individuais e coletivas em Kemet, revela uma ética que se funda na escuta e na delicadeza da organização do mundo kemético, uma vez que a leveza da pena de Maat é o símbolo dessa sabedoria: ela pesa menos do que o ar, mas é o parâmetro de todas as ações comunitárias e humanas.

O coração maático é, portanto, um coração político e espiritual. Ele é político porque define a forma de relação entre os seres — uma relação baseada no respeito, na solidariedade e na reciprocidade com o outro, como bem expressa o pensamento africano. E é espiritual porque liga o humano ao divino, o visível ao invisível, sendo a ponte as figuras dos faraós. O coração, portanto, torna-se a ligação entre o mundo não divino e o mundo divino, e seu equilíbrio é o equilíbrio da própria (co)criação do ser humano com suas condutas no mundo material.

A afetividade, ao contrário do que a modernidade ensinou, não se caracteriza como uma dualidade entre razão e emoção, entre bem e mal. A afetividade é, em sua completude, a continuidade da pessoa sensível, do ser empático que age de acordo com o bem comum da comunidade e do coletivo. No pensamento africano, sentir é uma forma de compreender o outro; o afeto é um caminho para se chegar a rekhet(conhecimento). Logo, o amor e a justiça não são instâncias separadas, mas expressões complementares do mesmo princípio vital, Maat. O coração justo é aquele que pensa com ternura e age com discernimento, como bem expressa o filósofo Renato Noguera(2011).

O feminino, nesse contexto, aparece como a energia que sustenta e renova o mundo. Maat, em sua feminilidade divina, não domina nem se impõe: ela harmoniza. Sua força é circular, não hierárquica. Ela ensina que o poder verdadeiro nasce do cuidado de si e do outro, e que o equilíbrio só é possível quando o outro é reconhecido como parte integrante de si. A afetividade feminina, portanto, é uma forma de inteligência — uma sabedoria que sente o tempo e sabe quando agir e quando silenciar.

Essa dimensão afetiva da filosofia maática revela que o coração não é apenas um órgão simbólico, mas o lugar onde a verdade se encarna. A ética do coração é uma ética do cuidado, da escuta e da moderação. É um convite para desacelerar, para perceber que a sabedoria não está na pressa, mas no equilíbrio do ser que pratica a completude da serenidade. E, portanto, o silêncio do coração sereno é mais tocante do que mil discursos praticado pela pessoa que utiliza a dualidade do pensamento racional.

A filosofia do coração, ao valorizar a afetividade, propõe uma transformação profunda no modo como pensamos e agimos conosco e com o outro, uma vez que ela rompe com a lógica da separação, característica de parte da tradição filosófica branco-ocidental-europeia.

Essa lógica se constitui a partir de dualismos que fragmentam a existência entre mente-corpo, razão-emoção, sujeito-objeto - distinções essas que historicamente estabeleceram hierarquias e fragmentaram a compreensão do ser no mundo. Em oposição a essa perspectiva, o pensamento maático inaugura uma epistemologia da unidade cujas raízes valoriza a contemplação da vida coletiva em comunidade e não raízes que se opõe a compreensão do ser humano no mundo. Desse modo, o coração maático ensina que pensar é sentir o outro, e esse sentir é reconhecer o elo que nos une em comunidade. Pois para Lopes e Simas (2022, p. 32):

“Pertencer a uma comunidade estabelece sentido para a vida de cada indivíduo e fundamenta a ideia de tradição como elo: contamos as histórias dos nossos antepassados para a comunidade, para que um dia nossos descendentes contem as nossas histórias.” (LOPES; SIMAS; 2022, p. 32)

Dessa forma, a afetividade, é assim, o primeiro movimento do pensamento - o impulso vital que nos faz buscar o bem e a justiça. Por fim, a afetividade em Maat é o vínculo que assegura a permanência da vida. É através do coração que o ser humano participa da obra divina e colabora com o equilíbrio do cosmos. O afeto, nessa filosofia, não é um enfeite sentimental sentido pela razão, mas sim a própria substância da ética maática. Ele é o fundamento invisível de toda ação justa e é também o sopro que mantém a existência coletiva em comunhão com a verdade no Egito Antigo. Maat, como princípio e como deusa, é o nome desse amor cósmico que tudo sustenta. O coração que vive em Maat não é aquele que deixa de sentir, mas aquele que sente com plenitude, porque reconhece em cada emoção a oportunidade de reconectar-se com o ritmo do universo. Nesse horizonte, o feminino não é e nunca será uma categoria biológica como é delineada pela visão eurocêntrica, mas é, em sua plenitude, o símbolo da potência que gera, acolhe e sustenta o mundo. Tal compreensão dialoga com as críticas de Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021) ao evidenciar que categorias como “mulher” são construções sociais baseadas na leitura ocidental do corpo. Do mesmo modo, autores como Dussel (1993) e Boaventura de Sousa Santos (2009) demonstram que a racionalidade moderna europeia instituiu um modelo de conhecimento que pretende ser universal, mas que na verdade, silencia outras formas de saber e de existência. Maat, mulher divina e filosófica, revela que o coração — e não a razão abstrata canonizada pelo sujeito europeu — é o centro da filosofia africana em Kemet (Egito Antigo).

### **Considerações parciais**

Portanto, encerrar este capítulo é reconhecer que não concluímos um estudo sobre Maat, mas é reconhecer que abrimos uma porta para o estudo da filosofia africana a partir de Maat. A filosofia do coração nos ensinou que pensar é sempre um ato de cuidado: cuidado

consigo, com o outro, com os ancestrais e com o cosmos. É a partir desse cuidado que surge o sentido da justiça, da serenidade e do equilíbrio harmônico do cosmos em Kemet. A ética maática, portanto, não é um horizonte distante ou uma memória apagada; ela é uma força que continua viva em cada gesto de escuta, em cada esforço de harmonia, em cada prática de responsabilidade afetiva que cultivamos no cosmos.

Ao longo deste capítulo, vimos que o coração não é um órgão ou o centro emocional carregado de sentimentos, mas também é o centro epistemológico e espiritual que habita o ser. Ele é balança, bússola e morada que conduz a conduta ética do indivíduo. É no coração que ressoam as vozes ancestrais que orientam o agir; que se revela a verdade que não pode ser forjada; e que também se decide o destino da alma - não como ameaça do ser como é imposta na tradição da história da filosofia com o pensamento cartesiano dualista que opõe mente e corpo, mas sim como promessa da continuidade de permanecer existindo. A filosofia africana compreende o coração como território sagrado, e por isso o pensamento maático é simultaneamente reflexão, espiritualidade e prática política encarnada.

Mais do que isso, percebemos que a ancestralidade não é apenas memória: ela é movimento. Ela sustenta a ética porque nos lembra que somos continuidade e não ruptura. O agir ético é um gesto de reconhecimento: reconhecer que não caminhamos sozinhos, que nossas escolhas ecoam antes e depois de nós, que a vida é uma corrente entrelaçada de existências. Essa consciência ancestral é o que confere profundidade à filosofia do coração.

A afetividade, por sua vez, revelou-se não como fragilidade, mas como força ontológica. Em Maat, o afeto não é emoção desenfreada, mas sabedoria sensível: é a capacidade de se orientar pela leveza, pela tranquilidade e pelo cuidado. A justiça nasce da serenidade; a verdade nasce da escuta; e o equilíbrio nasce do amor. A afetividade maática nos mostra que o pensamento não se opõe ao sentir — ambos nascem de um mesmo centro, ambos alimentam o discernimento do ser humano.

Essas considerações, portanto, reafirmam que a ética maática é uma ética de relação e criação de vínculos. Vínculos afetivos, ancestrais, comunitários e cósmicos. Ela nos convoca a posicionar o coração como lugar de sabedoria, o silêncio como espaço de compreensão, à memória como fonte de sentido. É nesse retorno que (re)encontramos uma filosofia que não provoca a dualidade em separar o ser humano do mundo, nem a razão da vida, nem o indivíduo da comunidade.

Dessa forma, percebemos que ao fechar esse capítulo, é impossível não reparar na abertura em que Maat nos deixa para refletirmos no próximo capítulo: a centralidade do feminino como fundamento filosófico. Assim, este capítulo torna-se a preparação para

compreender o caminho de um dos aspectos mais potentes da filosofia africana: o papel da mulher negra como figura cosmológica, ética e política em África. Se Maat é o coração do cosmos, tão logo o feminino é o coração de Maat. E é por isso que veremos, posteriormente, que pensar Maat é necessariamente pensar o feminino como força criadora, ancestral e afetiva que sustentará o universo e inspirar novas formas de (re)existir, resistir e filosofar.

### 3 MAAT, MULHER NEGRA E COSMOS: O FEMININO COMO FUNDAMENTO FILOSÓFICO

A lógica cultural das categorias sociais ocidentais de gênero é baseada em uma ideologia do determinismo biológico: a concepção de que a biologia fornece a base lógica para a organização do mundo social. Assim, essa lógica cultural é, na realidade, uma bio-lógica. Categorias sociais como ‘mulher’ são baseadas em um tipo de corpo e são elaboradas em relação, e em oposição, a outra categoria: homem. A presença ou ausência de alguns órgãos determina a posição social. (Oyèrónkẹ Oyěwùmí, 2021, p. 15-16)

Iniciar este capítulo com a reflexão de Oyèrónkẹ Oyěwùmí<sup>6</sup> não é algo casual. A crítica pertinente feita pela socióloga nigeriana à bio-lógica ocidental - lógica essa que transformou o corpo em destino social - abre horizonte necessário para a compreensão radical das diferenças que a filosofia produzida em Kemet carrega do feminino, do corpo e da ordem universal. Se na tradição ocidental a anatomia corporal foi convertida em fundamento de hierarquias, em Kemet o princípio ordenador da vida não nasce da diferenciação biológica, mas da harmonia cósmica.

Este capítulo, portanto, tem como finalidade compreender Maat como princípio ético e cósmico e, sobretudo, como símbolo profundo do feminino ancestral africano. Ao tratar Maat apenas como divindade religiosa ou conceito moral abstrato, corre-se o risco de esvaziar sua densidade filosófica. Aqui é o contrário. Busca-se demonstrar que a filosofia maática constitui um fundamento ontológico da organização do real, ao tecer as relações entre humanos, natureza, divindades e comunidades. Trata-se de uma força que não apenas orienta condutas, mas sustenta o próprio equilíbrio cósmico.

A proposta central é afirmar que o feminino, em Kemet, não ocupa posições periféricas ou subordinadas, mas manifesta-se como potência ordenadora no antigo Egito. A representação de Maat como divindade feminina não é um detalhe simbólico, mas um marcador filosófico decisivo: o feminino aparece como mediação entre opostos, como princípio de equilíbrio entre forças e como substância da justiça que mantém o universo

---

<sup>6</sup> Oyèrónkẹ Oyěwùmí é uma socióloga e teórica feminista nigeriana. Ela é reconhecida por suas contribuições no estudo de gênero a partir das perspectivas africanas. Em sua obra mais conhecida, “A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero” de 1997 e cuja tradução no Brasil foi efetivada em 2021 pelo filósofo brasileiro Wanderson Flor do Nascimento, a autora critica a universalidade das categorias ocidentais de gênero, argumentando que tais conceitos não podem ser aplicados de forma acrítica nas sociedades africanas, como por exemplo a Iorubá a qual ela tomou como ponto de partida na sua obra, onde as relações sociais historicamente não se estruturam a partir das diferenças sexuais. Embora ainda seja relativamente pouco difundida no contexto acadêmico brasileiro, suas obras têm ganhado crescente relevância nos debates em torno da descolonização do conhecimento, bem como das epistemologias africanas.

coeso. Diferentemente das tradições que associam o feminino à irracionalidade ou à desordem, a cosmopercepção kemética<sup>7</sup> inscreve-o no centro da estabilidade cósmica.

Para desenvolver essa compreensão, o capítulo organiza-se em dois movimentos complementares. No primeiro, investiga-se Maat como símbolo do feminino negro ancestral, abordando sua dimensão como divindade ordenadora do universo e como chave para compreender a centralidade da mulher na cosmopercepção kemética. Nesse percurso, evidencia-se que a ordem maática não se funda na superioridade de um corpo sobre outro, mas na reciprocidade e na responsabilidade compartilhada entre todos os seres.

No segundo movimento, aprofunda-se a relação entre filosofia, corporeidade e cuidado, defendendo que o corpo negro feminino - historicamente marcado pela racialização e pela generificação<sup>8</sup> colonial - pode ser compreendido como uma ética viva. Ao dialogar com a crítica de Oyèwùmí à bio-lógica ocidental e com autoras/es que denunciam a desumanização colonial, evidenciará que, ao reduzir o corpo à biologia foi instrumento de dominação epistêmica dos espaços de saberes. Em contraste, a Filosofia maática permite reconhecer o corpo como participante da ordem cósmica, não como marcador de inferioridade, mas como vida pulsante no antigo Egito.

O capítulo, portanto, articula crítica e afirmação. Critica-se o universalismo abstrato que apagou corpos e deslegitimou saberes africanos, bem como afirmar-se, em contrapartida, que a Filosofia africana é um campo de conhecimento legítimo e pluriversal<sup>9</sup>. Nesse sentido, compreender Maat, é também enfrentar a violência epistêmica que tentou deslocar África do mapa da Filosofia. Como recorda Katiúscia Ribeiro Pontes:

---

<sup>7</sup> A cosmopercepção em Kemet, refere-se à forma integrada pela qual os antigos egípcios compreendiam e experienciam o mundo ao articular dimensões físicas, afetivas, sociais e cósmicas em uma unidade indissociável. Diferentemente da visão moderna de fragmentar a realidade, a cosmopercepção kemética expressa uma compreensão integrada da existência, na qual seres humanos, natureza, divindades e ordem universal(nesse caso Maat), estão interligadas. Nesse sentido, conhecer o mundo no antigo Egito não se limita à racionalidade abstrata, mas significa envolver as práticas simbólicas, éticas e afetivas para manter o equilíbrio e a harmonia no cosmos.

<sup>8</sup> A generificação refere-se ao processo sociocultural e histórico pelo qual as diferenças são atribuídas, organizadas e hierarquizadas com base no gênero, produzindo, dessa forma, papéis, identidades e expectativas específicas para cada indivíduo em uma determinada sociedade. Tal mecanismo torna-se uma construção social que naturaliza as distinções sociais entre masculino e feminino, frequentemente associado à manutenção das relações de poder. Nos estudos de gênero e nas epistemologias críticas, o conceito é utilizado para problematizar a universalidade dessas categorias, evidenciando que a generificação não é um dado natural, mas uma produção cultural situada que pode variar entre diferentes contextos históricos e civilizatórios.

<sup>9</sup> Pluriversal remete a ideia de que não existe uma única forma universal de compreender o mundo, mas a uma multiplicidade de saberes, experiências e racionalidade que coexistem. Utilizou-se o termo aqui para problematizar a universalidade do pensamento ocidental, em detrimento do reconhecimento das diferentes epistemologias, cosmologias e modos de vida existentes. A pluriversalidade, nesse sentido, afirma a legitimidade de diversas formas de produzir conhecimento, como por exemplo a africana, a indígena e outras tradições não hegemônicas ao valorizar a diversidade ontológica e epistêmica na compreensão da realidade.

“O colonizador constrói no imaginário social a coisificação do sujeito africano, deixando-o completamente desmotivado e contribuindo para a sua miserabilidade física e mental. Nesse sentido, os tornou seres incapazes de contribuir com o pretensão pensamento crítico.” (PONTES, 2017, p. 48)

Essa desumanização não foi apenas social, mas epistêmica, pois promoveu o esvaziamento e a negação de referências africanas que poderiam contribuir para a construção do pensamento crítico. Assim, este capítulo constitui um gesto de se reencontrar filosoficamente com uma tradição que foi sistematicamente desautorizada dos espaços de produção de saberes. Ao afirmar Maat como fundamento e o feminino como eixo organizador dos cosmos, desvincula-se o olhar histórico da hierarquização dos corpos e dos saberes. O que é proposto aqui, não é um retorno para idealizar o que já se perpetuou no passado, mas sim recuperar um pensamento conceitual capaz de nos oferecer outras perspectivas para pensar justiça, existências e humanidade.

Desse modo, ao explorar as dimensões cosmológica e corpórea de Maat, este capítulo sustenta que o feminino, longe de ser uma categoria derivada, constitui fundamento filosófico. O corpo longe de ser destino biológico, é espaço de responsabilidade ética. Que o cosmos, em Kemet, não se organiza pela dominação, mas sim pelo equilíbrio. É nesse horizonte que os tópicos a seguir irão se desenvolver.

### **3.1 Maat como símbolo do feminino negro ancestral**

Maat é frequentemente apresentado como um princípio: ordem, verdade, justiça, equilíbrio. No entanto, em Kemet, ela não pode ser compreendida apenas como uma “ideia” abstrata ou um conceito moral isolado. Maat se manifesta como força viva, como substância da criação e como presença contínua na realidade social e cósmica. A tradição kemética, ao afirmar Maat como eixo do universo, não separa pensamento e existência, pois aquilo que se compreende como ética não se encontra fora da vida, mas constitui a própria vida bem orientada.

Essa compreensão de Maat como princípio vivo contrasta profundamente com a lógica cultural ocidental, cuja organização social se estrutura a partir da fixação do corpo como fundamento da hierarquia. Oyèwùmí descreve esse processo ao afirmar que:

“A lógica cultural das categorias sociais ocidentais de gênero é baseada em uma ideologia do determinismo biológico: a concepção de que a biologia fornece a base lógica para a organização do mundo social. Assim, essa lógica cultural é, na realidade, uma biológica.” (Oyèwùmí, 2021, p. 15–16)

Essa bio-lógica transforma o corpo em destino social, produzindo desigualdades que passam a ser lidas como naturais. Em oposição, a filosofia kemética compreende a ordem como relacional e ética, não como consequência da anatomia.

Molefi Kete Asante oferece um conjunto ainda maior de afirmações fundamentais para compreender esse caráter estruturante da filosofia maática. Ao tratá-la como princípio organizador da totalidade da vida, o autor evidencia que Maat orienta tanto as relações humanas quanto a relação com o sagrado, articulando dimensões éticas, espirituais e comunitárias. Asante explicita esse horizonte ao afirmar que: “quando somos confrontados com Maat, somos confrontados com as possibilidades de estabelecer a verdade, harmonia, retidão, justiça, ordem, equilíbrio e reciprocidade, pois estes são os elementos que constroem nossa resposta ao universo” (Asante, 2022, p. 111). Dessa forma, torna-se evidente que Maat não se restringe ao campo da moral individual, mas constitui uma resposta civilizatória ao mundo.

Nesse sentido, Maat não pode ser entendida como um simples atributo moral, mas como o critério a partir do qual a vida é medida, o horizonte que orienta a ação humana e a referência que organiza o lugar de cada sujeito dentro de uma comunidade cósmica. Essa centralidade é aprofundada por Asante ao afirmar que Maat é o conceito fundamental das interrelações entre humanos e *neteru*<sup>10</sup>, sendo essa a base de toda comunicação e interação em Kemet. Segundo ele,

“Maat é o principal conceito que fundamenta as interrelações dos humanos com os outros e com os *neteru*. Dizer que os egípcios usavam Maat como base para a vida é quase um eufemismo, pois era fundamental para toda comunicação e interação” (Asante, 2022, p. 113).

Há, portanto, uma compreensão decisiva: Maat é fundamento do viver, e não apenas do “pensar sobre a vida”. Assim, a filosofia kemética trata-se, desse modo, de uma filosofia que não se estrutura como discurso abstrato, mas como prática orientadora da existência. Nessa concepção, o mundo não é um espaço neutro onde normas são aplicadas externamente ao ser humano; ao contrário, o mundo é um tecido vivo no qual cada ação produzida pelo ser humano irá gerar consequências éticas e cósmicas para o coletivo.

---

<sup>10</sup> *Neteru* (plural de *neter*), são divindades ou princípios sagrados da tradição kemética (antigo Egito), compreendidos não apenas como deuses no sentido antropomórficos, mas também como força ou manifestações dos aspectos fundamentais do cosmos. Na filosofia kemética, os *neteru* expressam dimensões da realidade - como ordem, fertilidade, sabedoria, morte e renovação - atuando como mediadores entre o mundo divino e físico. Dessa forma, mais do que entidades religiosas isoladas, os *netetu* constituem uma estrutura simbólica e ontológica que organiza a compreensão egípcia do universo, integrando natureza, sociedade e afetividades em uma mesma lógica de equilíbrio e harmonia, orientada pelo princípio de Maat.

Nesse contexto, é fundamental reconhecer que Maat é representada como feminina. Asante explicita essa dimensão simbólica ao afirmar que “no texto antigo, Maat é geralmente descrita como uma deusa alada com uma pena de avestruz no cabelo e uma ankh na mão” (Asante, 2022, p. 147). Essa representação não deve ser compreendida como um elemento folclórico ou meramente religioso, como frequentemente sugere a perspectiva eurocêntrica. Trata-se, na verdade, de uma marca filosófica e cosmológica profunda: o feminino, em Kemet, aparece como força ordenadora do universo, como potência organizadora da vida e como princípio de equilíbrio e continuidade do ser humano no mundo.

Em outras palavras, o feminino não surge como auxiliar da criação, mas como um dos próprios critérios de criação. Essa compreensão adquire ainda mais relevância quando contrastada com a tradição ocidental, que historicamente hierarquizou o feminino, associando-o ao irracional, ao instintivo e ao “menor”. Oyěwùmí (2021) denuncia justamente o modo como o pensamento ocidental transforma diferenças corporais em hierarquias sociais, processo que se estende não apenas à categoria “mulher”, mas também à racialização e inferiorização dos corpos negros.

Quando Oyěwùmí (2021), partindo da filosofia Yorubá, afirma que o Ocidente concebe sociedade como corpos, ela chama atenção para o fato de que o corpo se transforma em destino social. Embora sua análise esteja enraizada na experiência sociocultural Yorubá, suas reflexões podem ainda ser ampliadas para outras formas de compreensão das realidades africanas, na medida em que evidenciam os efeitos da imposição de categorias ocidentais sobre diferentes contextos do continente. Nesse modelo de pensamento, a materialidade corporal organiza hierarquias, posições e expectativas dentro da vida social. O corpo, nesse aspecto, deixa de ser apenas uma dimensão da existência e passa a funcionar como critério fundamental de classificação ao naturalizar as desigualdades de gênero, raça e classe como se fossem consequências inevitáveis da biologia. Essa lógica é nomeada pela autora como bio-lógica, isto é, uma racionalidade que transforma diferenças corporais em fundamentos da ordem social.

O que se encontra em jogo aqui, portanto, não é apenas a construção social do gênero(masculino ou feminino), mas sim a própria construção social da biologia, que a passa a ser compreendida como fundamento da organização social. Nesse sentido, a perspectiva de Oyèrónké Oyěwùmí(2021) evidencia que, que no pensamento ocidental, as diferenças corporais são mobilizadas como critérios de classificação social, fazendo com que categorias como “homem” e “mulher” sejam definidas a partir do corpo biológico e organizada em hierarquias. Assim, a materialidade do corpo deixa de ser apenas um aspecto da existência e

passa a operar como destino de posição social. Esse modelo de construção social construído no pensamento ocidental contrasta, radicalmente, com a cosmo percepção kemética na qual Maat organiza a vida a partir das relações, do equilíbrio e da reciprocidade, e não da fixação visual do corpo como marcador de valor.

Essa diferença se torna ainda mais evidente quando Oyěwùmí aprofunda a crítica à centralidade do olhar no ocidente. Segundo ela,

[...] uma vez que o corpo é o alicerce sobre qual a ordem social é fundada, o corpo está sempre em vista e à vista. Como tal, invoca um olhar, um olhar de diferença, um olhar de diferenciação – o mais historicamente constante é o olhar generificado. (Oyěwùmí, 2021, p. 28)

No olhar generificado, o corpo não apenas existe: ele é vigiado, interpretado e hierarquizado. Pensar Maat como princípio feminino, nesse contexto, é romper com esse olhar generificado do corpo de hierarquizar no qual reduz o feminino à bio-lógica, pois em Kemet, o feminino não ocupa uma posição inferior ao masculino, mas constitui o eixo da justiça, do equilíbrio e a continuidade da vida.

Essa ruptura com a bio-lógica ocidental só é possível quando se reconhece que Maat é representada como feminina em Kemet. Tal representação não é simbólica no sentido superficial do existir, mas expressa uma ontologia na qual o feminino ocupa lugar central na sustentação do cosmo. A partir das reflexões de Asante(2022), é possível compreender Maat como princípio responsável por estabelecer as relações de equilíbrio entre os seres humanos, a comunidade e os neteru, evidenciando que a própria existência se estrutura na complementaridade entre as forças distintas entre si, como o masculino e o feminino. Nesse sentido, a centralidade do feminino em Maat poderia, à primeira vista, sugerir uma inversão de dominação da lógica hierárquica ocidental - substituindo o masculino pelo feminino. No entanto, não se trata de uma inversão de dominação, mas de uma reconfiguração ontológica baseada no princípio do equilíbrio e da complementaridade entre as forças. A presença feminina de Maat, não simboliza a subordinação do masculino ao feminino, mas expressa uma concepção de mundo na qual ordem, justiça e harmonia emergem da relação dinâmica entre princípios distintos, e não da supremacia de um sobre o outro. Assim, diferentemente da tradição ocidental marcadas por hierarquizações como as feitas por Aristóteles(384 a.c.-322 a.c.) que compreendia o masculino como princípio ativo e racional, enquanto o feminino era associado à passividade e à imperfeição -, a ética maática propõe uma lógica de interdependência que sustenta a continuidade da vida. Logo, a presença feminina de Maat não simboliza apenas a subordinação da imagem de uma “mulher divina”, mas um modo de

conceber a ordem, equilíbrio e continuidade da vida, bem como de compreender a justiça não como punição ou repressão, e sim como equilíbrio e retorno ao que sustenta a vida.

Desse modo, diferentemente do que prega a tradição filosófica ocidental - especialmente as concepções herdadas da filosofia clássica grega e reforçada, posteriormente, pela modernidade europeia que associou o feminino à desordem ou à irracionalidade -, a filosofia kemética reconhece o feminino como força organizadora do universo e é justamente sobre essa concepção de justiça profundamente ligada à vida, à comunidade e à ordem do cosmos, que explica por que Maat ocupa um lugar central no pensamento africano no antigo Egito.

### **3.2 Filosofia, corporeidade e cuidado: o corpo negro feminino como ética viva**

Um dos movimentos mais marcantes da tradição filosófica ocidental foi a separação entre corpo e mente, transformando a racionalidade em um espaço “puro” e distante da vida concreta. Tal divisão encontra em um de seus fundamentos mais influentes na filosofia de René Descartes, especialmente em sua obra o Discurso do Método, na qual o pensamento (*res cogitans*) é concebido como distinto do corpo (*res extensa*), ao estabelecer uma cisão entre a mente e a matéria que marcará profundamente a tradição ocidental da filosofia (Descartes, 2011). Essa divisão, muitas vezes celebrada como um avanço do pensamento, funciona, na prática, como uma estrutura de poder que define quem pode pensar, quem pode produzir conhecimento e que tipo de presença é autorizada nos espaços intelectuais.

Bell hooks, filósofa e professora estadunidense, nos oferece uma crítica contundente a esse dualismo ao afirmar que muitos foram formados dentro da lógica metafísica ocidental o qual aceitaram a ideia de uma separação entre corpo e mente. Segundo a autora,

“Formados no contexto filosófico do dualismo metafísico ocidental, muitos de nós aceitamos a noção de que existe uma cisão entre o corpo e a mente. Crendo nisso, as pessoas entram na sala para ensinar como se apenas a mente estivesse presente, e não o corpo” (hooks, 2017, p. 253).

Essa crítica é central para compreender o corpo negro feminino como ética viva pois carregam experiências históricas de resistência, cuidado e preservação comunitária, tornando-se, desse modo, expressão concreta dos princípios de equilíbrio, ordem e harmonia presentes em Maat. Se o corpo precisa ser apagado como condição para pensar, então corpos historicamente marcados como “excesso” — negros, femininos e pobres — são sistematicamente excluídos do lugar da intelectualidade.

Oyèwùmí aprofunda ainda mais essa crítica ao destacar que:

“Mulheres, povos primitivos, judeus, africanos, pobres e todas aquelas pessoas que foram qualificadas com o rótulo de “diferente”, em épocas históricas variadas, foram consideradas como corporalizadas, dominadas, portanto, pelo instinto e pelo afeto, estando a razão longe delas. Elas são o Outro, e o Outro é um corpo.” (Oyěwùmí, 2021, p.29-30)

Ela aprofunda ainda mais essa crítica quando reforça a análise do corpo ao mostrar que o olhar ocidental, centrado no visual, produz diferença e hierarquia:

“A razão pela qual o corpo tem tanta presença no Ocidente é que o mundo é percebido principalmente pela visão. A diferenciação dos corpos humanos em termos de sexo, cor da pele e tamanho do crânio é um testemunho dos poderes atribuídos ao “ver”. O olhar é um convite para diferenciar.” (Oyěwùmí, 2021, p.28-29)

Essa lógica do olhar que diferencia opera como uma tecnologia colonial transformando o corpo negro, principalmente o feminino, em objeto, em materialidade a ser interpretada e controlada. A história da filosofia e da ciência ocidental, assim, constrói-se a partir de exclusões silenciosas: fala-se de um “homem universal”, mas esse sujeito tem cor, gênero e território específicos. Hooks reforça essa denúncia ao afirmar que “o mundo público de ensino institucional era um local onde o corpo tinha de ser apagado, tinha de passar despercebido” (hooks, 2017, p. 253). Nesse contexto, a educação passa a exigir do sujeito a negação de si, processo ainda mais violento quando se trata do corpo negro feminino, historicamente visto como excesso a ser controlado.

Criticar a abstração da filosofia ocidental, portanto, é denunciar sua falsa neutralidade. Pontes (2017) evidencia que a desumanização do homem africano eliminou sua capacidade racional e sustentou a ideia de que não existe filosofia fora do eixo europeu:

[...] a desumanização radical que se transborda em zoomorfização sistemática. Os povos negros foram interpretados pelos europeus como criaturas sem alma, animalizados, tomados como coisas. O eurocentrismo colonial dividiu os seres humanos em raças e desqualificou todos os povos não europeus; mas isso incluiu algumas gradações. E, sem dúvida, os povos africanos foram designados pelo eurocentrismo como menos desenvolvidos. A zoomorfização sistemática desses povos foi um elemento decisivo para embassar a escravidão negra (NOGUERA, 2014, apud PONTES, 2017, p.50)

A radicalização dessa análise torna evidente que a exclusão do corpo negro do campo da racionalidade não foi simplesmente um acidente historicamente proferido pelo eurocentrismo, mas sim um projeto epistemológico. A zoomorfização descrita por Noguera, e citada por Pontes, não apenas desumaniza o pensamento africano; ele redefine o estatuto ontológico do sujeito africano. Ao ser animalizado, o corpo negro é deslocado do campo do

pensamento e situado no campo da natureza bruta, do instinto, da ausência de razão. Essa operação foi fundamental para legitimar tanto a escravidão quanto o apagamento das Filosofias africanas dos centros de produção de saberes, pois, se o negro é reduzido a corpo sem alma, não há o que reconhecer como produção intelectual legítima.

Essa lógica colonial se sustenta na mesma bio-lógica denunciada por Oyěwùmí (2021): o corpo torna-se prova visível de inferioridade. A cor da pele, os traços físicos, a anatomia passam a funcionar como justificativa para a exclusão epistêmica. O que se constrói, portanto, não é apenas uma hierarquia social, mas uma hierarquia ontológica na qual o corpo negro feminino ocupa o lugar mais vulnerável - simultaneamente racializado e generificado.

É nesse ponto que a filosofia kemética, orientada por Maat, apresenta uma ruptura decisiva. Se no Ocidente, o corpo é reduzido como critério de diferenciação e subordinação para a ocupação dos espaços de produção de saber, em Kemet o corpo é visualizado como o princípio que ordena a vida harmônica, e não como princípio anatômico na perspectiva eurocêntrica. Maat não estabelece nem especula a hierarquia a partir de aparências; ela mede a verdade, a justiça e o equilíbrio das ações humanas. A centralidade de Maat como princípio feminino revela uma compreensão profundamente distinta da corporeidade: o corpo não é um mero mercador de inferioridade, mas sim lugar de responsabilidade ética de afetos e ancestralidade. Pois como afirma Asante, “[...]viver em Maat é viver a palavra viva, o ankh mdw. Torna-se o único caminho para ankh neheh, isto é, a vida eterna.” (ASANTE, 2022, p. 145). Essa afirmação desloca completamente o eixo da discussão, uma vez que o corpo que vive em Maat não é um corpo silenciado, nem corpo reduzido à materialidade biológica. O corpo maático, é um corpo encarnado a palavra viva, que realiza no cotidiano a justiça, a retidão e o equilíbrio ético. Nesse sentido, a ética não é abstrata, é incorporada. Não é um princípio distante, é uma prática situada.

Diferentemente da tradição Ocidental que desassocia mente e corpo, a cosmopercepção africana reconhece que o pensamento se manifesta na ação, no gesto, na relação. Maat, sendo descrita como da mesma substância que o ordenamento divino do universo (ASANTE, 2022, p. 147), indica que o corpo humano participa dessa substância quando age de maneira justa. Assim, o corpo não é obstáculo à filosofia - ele é condição para realizar a própria Filosofia.

Quando aplicado ao corpo negro feminino, esse deslocamento ganha densidade política e ontológica. O corpo historicamente construído como “excesso”, isto é, como aquilo que deveria ser controlado, silenciado ou reduzido à dimensão do instinto ou da

irracionalidade, passa a ser entendido em África como espaço de manutenção do cosmos. Se a colonialidade tentou produzir o apagamento desse corpo como sujeito pensante, a filosofia kemética permite (re)inscrevê-lo como centro da ética. O feminino, longe de representar fragilidade ou subordinação, manifesta-se como a força mediadora entre o caos e a ordem - exatamente como representa Maat, que, segundo Asante, é o elemento primordial e coesivo que garante a vitória da ordem sobre o mal.

Nesse sentido, o corpo negro feminino pode ser compreendido como ética viva porque ele carrega, na experiência histórica a resistência, o cuidado e a manutenção da vida, práticas essas que percorrem o pensamento de Maat. Em contextos de violência estrutural existente na contemporaneidade, é esse corpo que sustenta as relações, preserva as memórias, organiza as comunidades e mantém a continuidade da existência. Trata-se de uma corporeidade que não se reduz à biologia, mas que expressa uma cosmologia dos afetos ancestrais.

A bio-lógica colonial, transformou o corpo negro feminino em objeto de controle. A Filosofia maática reposiciona este corpo como sujeito de equilíbrio. Enquanto a primeira fragmenta e fixa a diferença, a segunda orienta e integra a responsabilidade do corpo. Essa oposição revela que não estamos apenas diante de perspectivas distintas, mas de ontologias concorrentes da corporeidade.

Assim, compreender o corpo negro feminino como ética viva, é reconhecer que a filosofia africana não opera por abstrações desvinculadas da experiência, do real. Mas por uma encarnação do princípio cósmico oriundo da vida concreta do ser humano. Maat, não é apenas um conceito do pensamento do antigo Egito; Maat é prática, substância e orientação existencial em Kemet. O corpo que vive em Maat, participa do ordenamento do universo, e assim, assume para si, a responsabilidade pela manutenção da harmonia cósmica.

### **Considerações parciais**

O percurso desenvolvido neste capítulo nos permitiu afirmar, de modo consistente, que Maat não pode ser compreendida como um mero conceito moral ou uma representação religiosa isolada, mas sim um fundamento ontológico de organização do real em Kemet. Ao expor a bio-lógica ocidental - denunciada por Oyěwùmí(2021) como a racionalidade de transformação do corpo em destino social - com a cosmopercepção kemética, evidenciou-se que a ordem, em África, não se estrutura a partir da anatomia do corpo, mas sim da harmonia relacional de um corpo com o outro. A diferença é verídica: enquanto a lógica ocidental hierarquizou corpos, a lógica maática mede as ações; enquanto uma fixa identidades através da biologia, a outra orienta a existência pelo equilíbrio cósmico.

Nesse contexto, a filosofia maática apresenta-se como uma ruptura ontológica. Se a colonialidade produziu uma hierarquia cujos corpos negros, especialmente os femininos, foram posicionados na base da escala humana, Maat nos oferece uma outra vertente para compreendê-los: o corpo que vive em Maat participa da substância do ordenamento cósmico.

Este capítulo, portanto, sustentou três afirmações fundamentais da filosofia africana: primeiro, que Maat é um princípio feminino estruturante do cosmos; segundo, que o feminino em Kemet não é categoria subordinada, mas um fundamento filosófico; terceiro, que o corpo negro feminino, longe de ser destino biológico imposto pela bio-lógica colonial, é uma expressão de encarnada da responsabilidade ética ancestral e afetiva, bem como da participação no ordenamento universal do Egito. Ao separar o eixo hierarquia para o equilíbrio, da anatomia para a ação justa, a exclusão para a reciprocidade, a filosofia maática nos mostrou outra ontologia do humano, ontologia está: relacional, ética e cosmocêntrica.

Entretanto, reconhecer Maat como princípio cósmico e o corpo como ética viva, não significa encerrar o debate. Pelo contrário, nos dá margem para refletirmos a partir do questionamento: se o cosmo se mantém pelo equilíbrio, de que modo essa ética pode orientar as estruturas sociais contemporâneas? Para além disso, se a colonialidade produziu apagamento nas construções de saberes, que cominhos nos permitirão reinscrever Maat como princípio organizador da vida coletiva hoje?

É a partir desse ponto que o capítulo seguinte dialogará. Após situarmos Maat como princípio filosófico e o feminino como eixo que rege o cosmos, torna-se indispensável investigar como essa ética cósmica pode atravessar o parâmetro universal e adentrar as práticas formativas e os espaços institucionais contemporâneos. A reflexão que segue aqui, portanto, desvincula o plano ontológico do que é, para campo das ações, da mediações sociais ao examinar como a justiça maática pode inspirar caminhos concretos de enfrentamento ao racismo estrutural e epistêmico.

Assim, o que foi estabelecido no capítulo - Maat como princípio, o feminino como fundamento e o corpo negro feminino como ética viva - torna-se a construção alicerçada para pensar uma educação como espaço de reorganização da justiça cósmica. Se viver em Maat é assumir para si a responsabilidade das ações proferidas pelos atos tomados através do equilíbrio do mundo, educar para Maat, portanto, torna-se uma tarefa histórica e política. É a partir dessa transição, que será conduzida o próximo capítulo.

#### **4 EDUCAR PARA A JUSTIÇA CÓSMICA: MAAT E OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

As discussões em torno da presença das filosofias africanas nos currículos educacionais brasileiros, tornou-se cada vez mais intensas nas últimas décadas, especialmente após a promulgação da Lei 10.639/03. Essa legislação representa um avanço importante no processo de contribuição histórica, cultural e intelectual dos povos africanos e afro-brasileiros na formação da sociedade brasileira. Entretanto, a simples inclusão de conteúdos sobre África e cultura afro-brasileira nos currículos escolares não é suficiente para transformar as estruturas históricas enraizadas na produção e transmissão do conhecimento no campo educacional.

Durante séculos, os sistemas educacionais foram (re)organizados a partir de uma lógica epistemológica eurocêntrica na qual o conhecimento produzido na Europa foi apresentado como universal e superior, enquanto outras tradições filosóficas no campo da intelectualidade foram marginalizadas, desqualificadas ou completamente invisibilizadas. Esse processo não se restringe apenas ao campo da história ou cultura, mas atinge diretamente o campo da filosofia, que frequentemente nos é apresentada como uma criação exclusivamente ocidental.

Nesse contexto, pensar a educação a partir dos saberes, das cosmologias e do pensamento das filosofias africanas, implica questionar as bases epistemológicas que estruturam o currículo escolar e superior ao propor novos caminhos para a construção de uma educação comprometida com a pluralidade de saberes, bem como com a justiça cognitiva. Entre essas tradições filosóficas, a ética maática - encontrada no seio do antigo egito(Kemet) e desenvolvida nos capítulos anteriores - apresenta uma importante contribuição para repensar os fundamentos éticos da educação.

Maat não se limita apenas a um conceito religioso, simbólico ou abstrato como vimos anteriormente, mas sim a uma representação do princípio ético e filosófico que orienta e organiza a vida social, a política e o espírito civilizatório de Kemet. Trata-se de um princípio de equilíbrio cósmico que regula as relações entre os seres humanos, a natureza e as forças espirituais que regem o universo. Nesse sentido, a ética maática não se restringe a um conjunto abstrato de valores, mas a uma constituição prática do cotidiano a qual orienta os comportamentos individuais e coletivos. Tal perspectiva permite compreender que a educação, dentro dessa lógica do pensamento kemético, não se limita à transmissão de conteúdos, mas se apresenta como um processo de formação moral e social voltado para a manutenção da harmonia da comunidade.

Como explica Lopes e Simas:

Maat era o nome que definia o conjunto de princípios morais e éticos orientadores da conduta, da vida cotidiana, do povo e dos governantes de Kemet, devendo ser seguido em todos os momentos, fosse nos âmbitos familiar, comunitário, nacional, ambiental ou religioso. (LOPES; SIMAS, 2022, p. 54)

Ao compreender Maat como um princípio ético de justiça e harmonia, torna-se possível estabelecer uma relação direta entre essa tradição filosófica africana e os desafios contemporâneos da educação antirracista. Isso porque a educação não deve ser compreendida como um processo técnico de transmissão de conteúdos, mas como um espaço de formação ética, cultural e política capaz de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e harmônica. Nesse sentido, pensar a educação a partir de Maat requer o reconhecimento de que o processo formativo da educação deve estar atrelado ao comprometimento com os valores da verdade, justiça, reciprocidade e responsabilidade coletiva.

Assim, este último capítulo tem como objetivo analisar de que forma a ética maática pode contribuir para a construção de práticas educativas comprometidas com o enfrentamento do racismo epistêmico, bem como com a valorização das filosofias africanas. Inicialmente, será debatido a relação entre a filosofia africana e a Lei 10.639/03, destacando os processos históricos de apagamento das produções intelectuais africanas nos currículos escolares. Posteriormente, será abordada a importância da construção de currículos descoloniais fundamentados na experiência comunitária e na valorização da ancestralidade. Por fim, será analisado como a pedagogia da transgressão, proposta por bell hooks, pode dialogar com os princípios éticos de Maat na construção de práticas educativas mais libertadoras.

#### **4.1 A ética maática e a Lei 10.639/03: enfrentando o racismo epistêmico**

Ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileiras no âmbito das instituições de ensino, a Lei 10.639/03 buscou corrigir uma lacuna histórica presente nos currículos educacionais brasileiros, marcadas pelo silenciamento e pela invisibilização das experiências intelectuais e culturais dos povos africanos.

A lei representa uma importante conquista no campo educacional brasileiro, sobretudo por proporcionar outros espaços para a reconstrução das narrativas históricas e filosóficas que estruturam a formação escolar. Como ressalta Pontes,

Sancionada em 09 de janeiro de 2003, a lei 10.639/03 torna-se a ferramenta primordial na reconstrução imagética do continente africano, integrando o

diálogo antirracista, inexistente nos espaços escolares, tornando os alunos menos refratários a diversidade étnico-racial, construindo na criança negra a referência positiva frente a sua história. Contrariando a história convencional, apresenta nas escolas a história dos povos negros, a qual não se inicia na escravidão, mas sim muito antes dos africanos serem submetidos à condição de escravizados. (PONTES, 2017, P. 22)

Nesse contexto, a legislação não apenas ampliou o escopo dos conteúdos escolares, como também possibilitou construir uma revisão crítica das narrativas históricas que tradicionalmente associam a presença africana na história apenas ao período da escravização. Ao deslocar essa visão, a Lei 10.639/03 permite reconhecer o protagonismo histórico, cultural e intelectual dos povos africanos, contribuindo, assim, para a elevação de novas referências identitárias no ambiente escolar.

Contudo, a própria trajetória da aprovação da lei evidencia que essa conquista é resultado de um longo processo de mobilização social e política feito pelos movimentos negros no Brasil. Como aponta Pontes,

“[...]até sua aprovação em janeiro de 2003, a referida lei trilhou um longo caminho de lutas e conquistas, desenhado sobremaneira pelos movimentos sociais negros, permitindo entender a lei 10639/03 como uma vitória da luta emancipatória desses movimentos.” (PONTES, 2017, P. 24)

No entanto, a implementação efetiva dessa lei enfrenta desafios que vão além da simples inclusão de conteúdos nos programas escolares. Tais desafios estão inteiramente ligados às estruturas epistemológicas que historicamente definiram o que pode ou não ser considerado conhecimento filosófico legítimo. Durante muito tempo, a história da filosofia foi construída a partir de uma narrativa que apontava que o nascimento do pensamento filosófico era Grego(não é objetivo dessa monografia apontar uma origem da filosofia). Essa narrativa tornou-se dominante nos manuais de filosofia utilizados nas escolas e universidades, o que contribui para consolidação de uma visão eurocêntrica da história do pensamento humano.

Como observa Renato Nogueira,

Os manuais de história da filosofia, em sua maioria, concordam quando se trata de fazer o registro do “nascimento” do pensamento filosófico. A hipótese mais aceita é a da certidão grega. O modo menos polêmico gira em torno de um “cadastro” feito por volta do século VI. A.E.C. na Grécia Antiga, com a patente de primeiro filósofo conferida para Tales de Mileto. E, ainda que existam algumas divergências entre historiadoras(es) da filosofia, esta não deixaria de ser grega porque, se não for de Tales de Mileto, o posto de primeiro filósofo seria de Sócrates ou de Platão. (NOGUERA, 2014, P.29)

Essa narrativa não apenas simplifica a complexidade da história do pensamento filosófico humano, como também promove a construção de hierarquias epistemológicas que colocam as tradições filosóficas europeias em posição de superioridade em relação a outras formas e modos de produção de saberes. Esse processo de hierarquização do conhecimento não é algo neutro, muito menos abstrato, é algo que está nas entrelinhas das estruturas históricas de poder que marcaram o colonialismo e a expansão da Europa. Segundo Noguera,

[...]o estabelecimento do discurso filosófico ocidental como régua privilegiada do pensamento institui uma desigualdade epistemológica. Uma injustiça cognitiva que cria escalas, classes para o pensamento filosófico, estabelecendo o que é mais sofisticado e o que é rústico e com menos valor acadêmico. Essa injustiça cognitiva é capaz de definir status, formar opinião e excluir uma quantidade indefinida de trabalhos intelectuais. (NOGUERA, 2014, P.23)

Essa desigualdade epistemológica espelha aquilo que o autor denomina de racismo epistêmico. O racismo epistêmico refere-se ao conjunto de práticas, discursos e estruturas institucionais que desqualifica os saberes produzidos fora da tradição ocidental. Nas palavras do filósofo,

[...]racismo epistêmico remete a um conjunto de dispositivos, práticas e estratégias que recusam a validade das justificativas feitas a partir de referenciais filosóficos, históricos, científicos e culturais que não sejam ocidentais.(NOGUERA, 2014, P.27)

Esse processo de deslegitimação do conhecimento, é apontado por Pontes ao analisar o papel da filosofia ocidental na construção das hierarquias do conhecimento.

O pensamento filosófico único, eurocêntrico e etnocêntrico do sujeito e objeto direcionou modos, conceitos, delimitou espaços, legitimou verdades e silenciou as manifestações, expressões de outras culturas, em nome de uma pretensa ciência que objetiva criar verdades absolutas. Nesse sentido, a filosofia ocidental seria colaboradora no processo de inferiorização, na medida em que nega e exclui o pensamento africano da matriz do pensamento. Se filosofia é a capacidade e potencialidade que o ser tem de construir argumentações sobretudo, por que resguardá-la apenas a seres ocidentais, na medida em que se apresenta nessa afirmativa, atestando o lugar de desumanização dos povos africanos, legitimando sua ação nas perspectivas epistêmicas.?(PONTES, 2017, P. 52)

Dessa forma, a invisibilidade das filosofias africanas não só ocorreu no campo historiográfico, como também nos currículos escolares que, tradicionalmente, privilegiaram autores e conceitos provenientes da Europa. Como observa Pontes,

O próprio currículo mínimo, analisado nesta seção, ancora-se no argumento de seus conteúdos vigentes estarem dentro dos principais conhecimentos de filosofia. Porém, esses principais conhecimentos estão ligados diretamente

às filosofias ocidentais. Ao analisar o currículo, não identificamos nenhum pensador ou conceito que esteja fora do eixo de referência ocidental. (PONTES, 2017, P. 74)

A superação do racismo epistêmico exige uma profunda revisão das bases epistemológicas que estruturam o currículo escolar. Nesse processo, a inclusão das filosofias africanas, principalmente de Maat no ensino de filosofia, torna-se uma estratégia fundamental para ampliar os horizontes epistemológicos da educação. A ética maática, nesse contexto, oferece uma referência filosófica importante para repensar os fundamentos éticos da educação, pois propõe uma compreensão do conhecimento profundamente ligada à responsabilidade coletiva e à manutenção da harmonia social.

A filosofia africana, nos apresenta uma concepção de mundo que frequentemente difere das tradições filosóficas ocidentais. Em muitas cosmologias africanas, o ser humano não é compreendido como um indivíduo isolado, mas sim como parte integrante de uma rede complexa das relações sociais, ancestrais e cósmicas.

Como explica Lopes e Simas, “Todo ser humano constitui uma parte viva, ativa e passiva, na cadeia das Forças Vitais, ligado, acima, aos vínculos de sua linhagem ascendente, e, sustentando abaixo de si, a linhagem de sua descendência.” (LOPES; SIMAS., 2022, P.28) Essa concepção revela uma visão profundamente relacional da existência humana, na qual o indivíduo está intrinsecamente conectado à sua comunidade e aos seus ancestrais.

Essa perspectiva, possui implicações importantes para a educação, pois ela sugere que o conhecimento não deve ser entendido como um patrimônio individual de cada ser humano, e sim como uma construção coletiva que envolve múltiplas gerações e experiências culturais. Lopes e Simas afirma que, “A conclusão moral, portanto, é que ser humano é pertencer a uma comunidade. Tudo o mais que o Ser Supremo fez, natural ou espiritual, é para uso da sociedade humana visando ao bem coletivo.” (LOPES; SIMAS., 2022, P.33)

Quando aplicada ao contexto educacional, essa concepção postula que o processo de ensino e aprendizagem deve ser compreendido como uma prática comunitária, cujo conhecimento é compartilhado e construído coletivamente. Assim, a educação deixa de ser um processo individual de acumulações de informações, e passa a ser um espaço de formação ética e social orientado pela responsabilidade coletiva.

Nesse sentido, Pontes argumenta que a transformação curricular proposta pela Lei 10.639/03, exige uma revisão crítica das bases que estruturam a educação brasileira, ao permitir que outras tradições filosóficas participem da construção do conhecimento.

[...]assumir a existência do racismo epistêmico na filosofia nos possibilita ressignificar nossas práticas pedagógicas, significa estar aberto ao novo, assumir que não possuímos todas as respostas para o fim das injustiças e que, por isso, as respostas a essas questões filosóficas e raciais devem ser construídas coletivamente, a partir das experiências e conhecimentos que carregamos, reconhecendo o lugar de fala de cada um e que não dispomos de saberes únicos e centrais. (PONTES, 2017, P. 86)

Dessa forma, a presença da ética maática dentro dos debates educacionais contemporâneos, permite pensarmos a educação não como um espaço de transmissão de conteúdos, mas como um processo formativo comprometido com a construção de relações mais equilibradas entre conhecimento, comunidade e justiça social. Ao reconhecer a importância das filosofias africanas no campo educacional, torna-se possível avançar na construção de currículos mais plurais, capazes de abarcar a todos, bem como de enfrentar o racismo epistêmico ao valorizar a diversidade das tradições filosóficas que compõem a experiência humana.

#### **4.2: Currículo, liberdade e afetividade: Maat e a pedagogia da transgressão**

Se a ética maática nos oferece fundamentos filosóficos suficientes para pensar uma educação orientada pela justiça e pela harmonia, a pedagogia da transgressão<sup>1112</sup> formulada pela professora e filósofa estadunidense bell hooks, nos apresenta caminhos pedagógicos concretos para transformar a sala de aula em um espaço de acolhimento, liberdade e emancipação na formação do cidadão.

Para hooks, a educação deve ser compreendida como uma prática de liberdade capaz de promover o desenvolvimento integral dos estudantes. Ou seja, isso significa que o processo educativo deve ultrapassar a mera transmissão de conteúdos, uma vez que quando transgredir as margens, a educação contribui para a formação de sujeitos críticos capazes de compreender e transformar a sua realidade social. Nas palavras da filósofa, “A educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender.” (hooks, 2017, p.25)

---

<sup>11</sup> A pedagogia da transgressão, refere-se a uma educação crítica que busca romper com as estruturas tradicionais, autoritárias e excludentes de ensino, proporcionando práticas educativas voltadas para a liberdade, a consciência crítica e a transformação social. Desenvolvida por bell hooks, essa prática educativa compreende a educação como um espaço de resistência e emancipação, no qual docentes e discentes participam ativamente da construção do conhecimento ao desafiar hierarquias e normas opressivas da sociedade. A autora articula essa abordagem especialmente na obra “Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade”(2017), na qual defende uma pedagogia engajada, inclusiva e comprometida com a justiça social.

<sup>12</sup> hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

Tal concepção rompe com os modelos tradicionais de ensino baseados na transmissão passiva de informações, uma vez que inspiradas nas reflexões do também educador e pedagogo brasileiro Paulo Freire, hooks crítica justamente este modelo de educação bancária, no qual os estudantes são tratados como receptores passivos de conteúdos, enquanto o professor detém toda a informação transmitida. Dessa forma, os escritos do pedagogo tiveram papel fundamental no pensamento de hooks, nas palavras dela, “O pensamento de Freire me deu o apoio de que eu precisava para desafiar o sistema da educação bancária”. (hooks, 2017, p.26).

Dessa maneira, a pedagogia engajada propõe a criação de uma relação horizontal entre professores e estudantes, na qual todos participam ativamente da construção do conhecimento. Essa perspectiva aproxima-se das concepções africanas de aprendizagem comunitária, dado que o conhecimento em África emerge justamente da interação entre os membros da comunidade, do coletivo. Como afirmam Lopes e Simas: “Ninguém dança sozinho, mas com a comunidade ou na presença dela; e nenhuma reflexão ou decisão nasce ou se faz, senão em conjunto.” (LOPES;SIMAS, 2022, p.32)

Além disso, hooks enfatiza também a importância da dimensão afetiva na educação. “Os alunos querem ser vistos como seres humanos integrais” (hooks, 2017, p.27) Essa visão aproxima-se da concepção africana de ser humano como parte de uma rede de relações cósmicas, onde o sujeito garante o seu direito de pertencimento. Segundo Lopes e Simas,

“[...]o ser humano, segundo os saberes da herança africana, está inserido em um contexto de relações cósmicas, ligado por laços indissolúveis a todo o Universo. Mais ainda, o ser humano é a força que liga todos os seres do Universo visível às altas forças espirituais. Por isso, ele é, ao mesmo tempo, manipulador e alvo do poder espiritual.” (LOPES; SIMAS., 2022, P.40)

Assim, a articulação entre ética maática e pedagogia da transgressão, nos permite pensar uma educação orientada pela justiça, pela liberdade e pela construção coletiva do conhecimento. Desse modo, é possível compreender que a pedagogia da transgressão proposta por bell hooks dialoga profundamente com a ética maática, sobretudo no que refere a consideração que ambas as perspectivas compreendem por educação como um processo que envolve não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também a formação ética e afetiva dos indivíduos. A ética de Maat, ao enfatizar valores como verdade, equilíbrio, reciprocidade e justiça ao analisar as suas ações na sociedade, nos oferece um horizonte filosófico que reforça a importância de uma educação comprometida com a construção de relações sociais mais justas e equilibradas.

Dentro das cosmovisões africanas, a vida humana está intrinsecamente ligada às forças vitais que estabelecem as bases estruturantes do universo. Tal concepção sugere que o conhecimento não pode ser compreendido a partir de um produto intelectual, mas sim de uma expressão da própria dinâmica da vida comunitária, coletiva e espiritual. Assim, o processo educativo também pode ser entendido como um meio de fortalecimento dessas forças vitais que sustentam a existência coletiva.

Para Lopes e Simas,

A expressão “Força Vital”, sempre presente nas teorizações sobre filosofias africanas, designa o fenômeno responsável pela vida existente no Universo visível e invisível e pela sua manutenção. Todos os seres do Universo possuem sua própria Força Vital; e ela é o valor supremo da existência. Possuir maior Força Vital é a melhor maneira de possuir felicidade e bem-estar. Da mesma forma, a morte, as doenças, as desgraças, o aborrecimento, o cansaço, todo o sofrimento, enfim, é consequência da diminuição da Força Vital, causada por um agente externo dotado de Força Vital superior. O remédio contra a morte e os sofrimentos é, portanto, reforçar a energia vital, para resistir às forças nocivas externas e afirmar a alegria da vida. (LOPES, S; SIMAS, L. A., 2022, P. 27)

Ao considerar a educação dentro do âmbito da cosmologia, é possível compreender o processo educativo como um espaço de fortalecimento das relações entre os indivíduos, a comunidade e o mundo ancestral. A aprendizagem, portanto, não se limita à aquisição de informações, mas envolve o desenvolvimento de uma consciência ética e moral capaz de contribuir para a manutenção do corpo social de Kemet.

Esse aspecto dialoga especialmente com o que bell hooks propõe ao transformar a sala de aula em um espaço de participação coletiva, bem como da construção de uma partilha democrática na produção do conhecimento. Para a autora, a educação libertadora exige um processo em que os/as professores/as e os/as estudantes reconheçam a dimensão política no processo educativo, e assim assumam o compromisso de transformação das estruturas de dominação na sociedade. Nas palavras de hooks, “Fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia transformadora” (hooks, 2017, p.56).

Essa concepção relaciona-se ao princípio mágico de reciprocidade, o qual pressupõe uma relação equilibrada entre os membros da comunidade. Na ética de Maat, a harmonia social depende da responsabilidade coletiva de cada indivíduo em agir de forma justa e respeitosa em relação consigo e com os outros. Essa relação, quando aplicada ao campo educacional, ela sugere que o processo de ensino e aprendizagem deve ser estruturado a partir das relações baseadas no diálogo, na escuta e na cooperação. Dessa forma, a sala de aula

pode se tornar um espaço no qual diferentes experiências culturais e epistemológicas são reconhecidas e valorizadas.

Outro aspecto a destacar, é que a pedagogia de hooks valoriza as experiências pessoais dos estudantes como parte do processo de construção do conhecimento. Para ela, o aprendizado se torna mais significativo quando os conteúdos são discutidos em sala de aula e se entrelaçam com as experiências de vida dos alunos. Essa Perspectiva também encontra conforto nas tradições africanas, cujo conhecimento está profundamente ligado à experiência prática e à vida cotidiana da comunidade. Nesse contexto, Lopes e Simas destaca o papel central da tradição oral como espaço de produção e transmissão de saberes e de formação cultural.

A tradição oral é, ao mesmo tempo, religião, conhecimento, ciência natural, aprendizado de ofício, história, divertimento e recreação. Baseada na prática e na experiência, ela se relaciona à totalidade do ser humano e, assim, contribui para criar um tipo especial de pessoa e moldar sua alma. (LOPES; SIMAS., 2022, P.41)

A valorização dessas formas de conhecimento, permite ampliar as possibilidades pedagógicas no âmbito do contexto escolar ao contribuir para a construção de currículos mais plurais e inclusivos. Dessa forma, a articulação entre a ética maática e a pedagogia da transgressão possibilita pensar uma educação que não apenas combate o racismo epistêmico, mas também promove uma transformação mais profunda nas práticas pedagógicas.

Ao reconhecer a importância da comunidade, da ancestralidade e da afetividade no processo educativo, torna-se possível construir espaços de aprendizados mais democráticos, espaços nos quais diferentes formas e modos de conhecimento possam dialogar de maneira horizontalmente. Assim, a educação inspirada nos princípios de Maat e na pedagogia libertadora de bell hooks, pode contribuir para a construção de práticas educativas comprometidas com a justiça social, com a valorização das culturas africanas e coma formação de sujeitos críticos capazes de participar ativamente na transformação de uma sociedade engajada com a verdade, a justiça e a harmonia social e coletiva.

### **Considerações parciais**

Ao longo deste capítulo, evidenciou-se que a ética maática oferece importantes contribuições para o desenvolvimento de uma educação comprometida com a justiça, a valorização da ancestralidade e o enfrentamento do racismo epistêmico.

A partir das reflexões colocadas no capítulo, foi possível compreender como a história da filosofia foi construída a partir de uma perspectiva eurocêntrica que invisibiliza outras

tradições filosóficas, especialmente as africanas. A lei 10.639/03, representa um instrumento político e pedagógico importante para a transformação dos currículos escolares e para a valorização das contribuições intelectuais do continente africanos.

Ao mesmo tempo, a ética maática nos revela que as sociedades africanas desenvolveram sistemas filosóficos complexos baseados em princípios de harmonia, justiça e reciprocidade. Tais princípios não só promovem a orientação da organização social do antigo Egito(Kemet), como promovem importantes referências para as práticas educativas que estão comprometidas com a formação integral do ser humano.

Por fim, a pedagogia da transgressão proposta por bell hooks nos mostra que a transformação curricular precisa ser acompanhada por mudanças no âmbito das práticas pedagógicas. A educação, compreendida como prática de liberdade, deve promover espaços de diálogo, participação e reconhecimento das múltiplas experiências culturais presentes na sala de aula. Dessa forma, articular a ética maática, filosofia africana e pedagogia libertadora, revela caminhos possíveis para a (re)construção de uma educação antirracista capaz de promover a justiça e fortalecer os vínculos entre conhecimento, comunidade e ancestralidade.

## CONCLUSÃO

O percurso desenvolvido ao longo deste trabalho, partiu da inquietação de compreender de que maneira a filosofia africana, especialmente a tradição kemética, foi historicamente marginalizada no interior da narrativa dominante da história da filosofia e, ao mesmo tempo, de demonstrar como os princípios regidos por Maat constitui uma referência filosófica consistente para repensar ética, cosmologia e educação na contemporaneidade. Ao longo dos capítulos, buscou-se traçar um raciocínio para evidenciar que o apagamento das filosofias africanas não resultou de uma ausência de produção intelectual no continente africano, mas sim de um processo histórico e epistemológico profundamente marcado pelo colonialismo, pelo eurocentrismo e pela construção de hierarquias do conhecimento.

A tradição filosófica ocidental perpetuou, durante séculos, a ideia de que a filosofia teria nascido na Grécia Antiga, estabelecendo o *logos* grego como marco inaugural da racionalidade humana. Essa narrativa, amplamente reproduzida nos currículos escolares e universitários, contribuiu para invisibilizar outras tradições intelectuais que também tiveram papéis importantes na produção de conhecimento, bem como desenvolveram reflexões sistemáticas sobre ética, política, cosmologia e organização social. Nesse contexto, o pensamento kemético foi frequentemente reduzido à esfera religiosa, mítica ou simbólica, sendo excluído do campo filosófico propriamente dito. No entanto, ao revisar conceitos-chaves, textos sapienciais e interpretações contemporâneas sobre o antigo Egito (Kemet), torna-se evidente que Kemet desenvolveu uma tradição reflexiva complexa, dotada de categorias próprias e de um sistema ético profundamente articulado no Egito.

Nesse horizonte, o conceito de Maat emergiu como eixo estruturante da filosofia kemética. Mais do que uma simples divindade ou símbolo religioso, Maat representa uma dos princípios ontológicos fundamentais que orienta a ordem do universo, a organização social da vida em comunidade e a conduta ética dos indivíduos em Kemet. A justiça, a verdade, o equilíbrio e a harmonia não aparecem apenas como valores abstratos para orientá-los, mas sim como fundamentos estruturantes da própria possibilidade da vida coletiva. Dessa forma, viver segundo as orientações de Maat, significa participar ativamente da manutenção do equilíbrio cósmico, reconhecendo que as ações humanas possuem implicações que transgridem o plano individual e se estendem à comunidade, à natureza e ao cosmos.

O que foi desenvolvido ao longo desta pesquisa, nos permitiu compreender que a ética maática não se apresenta como um sistema normativo externo imposto ao sujeito, pelo contrário, é uma prática de vida inteiramente relacional. Todas essas dimensões se articulam

em uma visão integrada da existência na qual o ser humano é compreendido como parte de uma rede de relações que envolvem a comunidade, os ancestrais e as formas cósmicas. Essa concepção rompe com a ideia moderna de um indivíduo isolado e autossuficiente propondo uma compreensão do ser humano como sujeito relacional, cuja existência se constrói a partir da interdependência do indivíduo com o outro e com o mundo.

A reflexão sobre a ética ancestral, a partir do papel que a ancestralidade carrega na filosofia africana, mostrou-se fundamental para compreender o papel de Maat. Na filosofia kemética, o conhecimento não emerge de uma ruptura com o passado, o conhecimento em Kemet se constrói a partir do diálogo contínuo com a memória ancestral. Os textos sagrados e as tradições de ensinamentos revelam que a sabedoria permeia a escuta daqueles que vieram antes, o que nos dá a ideia de continuidade entre gerações. Assim, a filosofia não se limita à elaboração de conceitos abstratos, mas na manifestação da prática de vida do ser humano, a filosofia é uma pedagogia da memória, um exercício constante de discernimento ético.

Outro aspecto central que podemos extrair dos conceitos éticos de Maat, é a relação entre afetividade e racionalidade na filosofia kemética. Diferentemente da tradição ocidental que frequentemente separou razão e emoção, o pensamento africano reconhece a unidade entre essas dimensões da experiência humana. O coração, entendido como centro do discernimento ético, simboliza a integração entre pensamento, sentimento e ação. Dessa maneira, a ética maática pode ser compreendida como uma ética da integralidade, na qual a sabedoria não se reduz ao domínio intelectual, mas envolve a sensibilidade, o cuidado e a responsabilidade diante da vida.

O trabalho buscou ainda evidenciar que o feminino ocupa uma posição central na cosmopercepção kemética. A representação de Maat como divindade feminina revelou uma compreensão filosófica no qual o feminino aparece como princípio organizador do cosmos. Essa perspectiva contrasta fortemente com a tradição ocidental, que historicamente associou o feminino à irracionalidade ou à inferioridade social. Em Kemet, ao contrário, o feminino manifesta-se como força de um equilíbrio, como potência entre o oposto e como fundamento da justiça cósmica.

Ao refletir sobre essa dimensão, foi possível problematizar a lógica cultural ocidental que transformou diferenças corporais em hierarquias sociais. A crítica à bio-lógica que estrutura muitas concepções modernas de gênero e raça, permitiu evidenciar como o corpo foi historicamente utilizado como instrumento de dominação epistêmica. Nesse cenário, o corpo negro feminino foi frequentemente reduzido à materialidade biológica, sendo excluído do campo da racionalidade e da produção de conhecimento. A filosofia kemética, ao reconhecer

o corpo como participante da ordem cósmica e como espaço de responsabilidade ética, oferece uma perspectiva radical distinta, na qual a corporeidade não representa inferioridade, mas participação ativa na manutenção do equilíbrio do universo.

Essa reflexão permitiu compreender o corpo negro feminino como ética viva. Ao longo da história, mulheres negras desempenharam papel central na preservação da memória cultural, na organização comunitária e na transmissão de saberes ancestrais. Reconhecer essa experiência implica desafiar as estruturas epistemológicas que historicamente marginalizam essas contribuições. A filosofia maática, ao situar o feminino no centro da ordem cósmica, oferece um horizonte conceitual capaz de reposicionar essas experiências no campo filosófico.

O trabalho evidenciou ainda que o debate sobre as filosofias africanas possui implicações diretas para o campo educacional. A invisibilidade dessas tradições nos currículos escolares reflete um processo de racismo epistêmico que hierarquiza saberes e deslegitima formas não ocidentais de produção intelectual. Nesse contexto, a Lei 10.639/03 representa um instrumento fundamental para enfrentar essa desigualdade ao reconhecer a importância da história e da cultura africana e afro-brasileira no espaço escolar.

Entretanto, a inclusão de conteúdos nos currículos não é suficiente para superar as estruturas que sustentam o racismo epistêmico. Torna-se necessário repensar também os fundamentos éticos e pedagógicos da educação. A ética maática contribui para esse debate ao propor uma concepção de conhecimento vinculada à responsabilidade coletiva, à reciprocidade e ao equilíbrio social, compreendendo a educação como formação ética orientada para a construção de relações mais justas.

O diálogo entre ética maática e a pedagogia da transgressão, evidenciou a importância de práticas educativas que reconheçam os estudantes como sujeitos integrais. A educação libertadora ultrapassa a transmissão de conteúdos e considera também as dimensões afetivas, culturais e políticas da experiência humana. Nesse sentido, a sala de aula pode tornar-se um espaço democrático de construção coletiva do conhecimento e de valorização de saberes historicamente marginalizados.

Pensar a educação a partir da filosofia africana significa, portanto, ampliar os horizontes da epistemologia da própria filosofia. Ao reconhecer que diferentes civilizações desenvolveram formas próprias de reflexão sobre a existência e a justiça, torna-se possível construir uma filosofia mais plural, sem negar a tradição ocidental, mas superando sua centralidade exclusiva.

Assim, reconhecer Maat como princípio filosófico não representa apenas um resgate histórico, mas um movimento de ampliação epistemológica. Trata-se de questionar os limites que historicamente definiram o que pode ser reconhecido como filosofia e de incluir outras tradições intelectuais na história do pensamento humano.

Desse modo, esta monografia buscou contribuir para o processo de descolonização do pensamento filosófico ao evidenciar que a tradição kemética apresenta conceitos e perspectivas relevantes para os debates contemporâneos sobre ética, educação e justiça social. Maat revela-se como uma visão de mundo orientada pela responsabilidade coletiva, pelo respeito à ancestralidade e pela busca permanente do equilíbrio entre os seres. Reconhecer essa tradição também implica repensar os caminhos da filosofia no presente. Em um contexto marcado pelas desigualdades e as crises sociais, a ética maática nos convida a refletir sobre novas formas de organização da vida coletiva fundamentadas na harmonia, na justiça e na responsabilidade compartilhada.

Assim, reafirma-se que a filosofia não pertence a um único território cultural, nem que se origina de uma única tradição civilizatória. Ela emerge sempre que os seres humanos se propõem a refletir criticamente sobre a existência e sobre a vida em comunidade. O pensamento kemético constitui uma condição importante para ampliar o campo da reflexão filosófica contemporânea. Por fim, mais do que um objeto de estudo histórico, Maat e o Kemet, apresenta-se como um convite ético e epistemológico para repensar nossas formas de pensar, ensinar e viver em comunidade. Reconhecer a pluralidade das tradições filosóficas significa abrir caminhos para uma filosofia mais inclusiva, capaz de dialogar com diferentes experiências culturais e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e equilibrada como se propõe a filosofia do antigo Egito (Kemet).

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Antônio Campelo Amaral e Carlos Gomes. Lisboa: Vega, 1998.
- ASANTE, M. k. **Os filósofos egípcios: vozes ancestrais africanas: de Imhotep a Akhenaten**. Trad. Akili Oji Amauzo Bakari. São Paulo: Editora Ananse, 2022.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução, prefácio e notas de João Cruz Costa, professor de filosofia da Universidade de São Paulo. - [Ed. especial]. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2011.
- DIOP, Cheikh Anta. A origem africana da civilização: mito ou realidade. 1973. Disponível em:  
<https://www2.unifap.br/neab/files/2018/05/Dr.-Cheikh-Anta-Diop-A-Origem-Africana-da-Civiliza%C3%A7%C3%A3o-ptbr-completo.pdf> Acesso em: 3 de março de 2026.
- DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**: Conferências de Frankfurt / Enrique Dussel; tradução Jaime A. Clasen. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- HEGEL, G.W.F. **Filosofia da história**. 2. ed. Brasília: Editora UNB, [S.D.].
- HEIDEGGER, Martin. **Que é isto - a filosofia?**. Trad. Ernildo Stein. [S.I.]. Acrópolis, 2001. Disponível em:  
<https://pt.scribd.com/document/270110315/1672-QUE-E-ISTO-A-FILOSOFIA-HEIDEGGER-pdf> Acesso em: 21 de março de 2026.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Filosofias africanas: uma introdução**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- MUDIMBE, V. Y. **A Invenção de África. Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento**. Tradução: Ana Medeiros. Lisboa: Pedago, 2013.
- NOGUERA, R. **Amenemope, o coração e a filosofia**. In: BRANCAGLION Jr., Antonio. Semna – Estudos de Egiptologia II / Antonio Brancaglioni Jr., Rennan de Souza Lemos, Raizza Teixeira dos Santos (orgs.). – Rio de Janeiro: Seshat – Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional, 2015.
- NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.
- NOGUERA, R. **A ética da serenidade. O caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope**. In: Ensaios filosóficos. Vol.VIII, RJ, dez/2013.

OBENGA, Théophile. **Egypt: Ancient History of African Philosophy**. In: KWASI, Wiredu (org.). **A Companion to African Philosophy**. Trad. Vinicius da Silva. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2004a, p.1-28.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Trad. Wanderson flor do Nascimento. - 1. ed - Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

PONTES, K. R. **História da filosofia antiga**. Conferência de abertura do XX Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia – ANPOF. PE, 2024.

PONTES, K. R. **Kemet, escolas e arcádias: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10.639/03**. 2017. 93f. Dissertação (Mestrado), Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:  
[https://dippg.cefet-rj.br/ppfen/attachments/article/81/07\\_KatiusciaRibeiroPontes.pdf](https://dippg.cefet-rj.br/ppfen/attachments/article/81/07_KatiusciaRibeiroPontes.pdf). Acesso em: 12/10/2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: edições Almedina, 2009.

SANTOS, M. P. dos; CUNHA JUNIOR, H. **Maat: conceito importante para introdução das filosofias africanas nas ciências humanas**. In: 7º Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica, 2021, Belém - PA, 2021. Disponível em:  
<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/75784>>. Acesso em: 12/10/2024.

SILVA, F. J. da. **Maat e as origens da filosofia em Kemet (Egito)**. Griot: Revista de Filosofia, Amargosa – BA, v. 24 n.2, p.114-126, junho, 2024.

## ANEXO



**Descrição:** Deusa Maat

**Disponível em:**

<https://segredosdomundo.r7.com/deusa-maat/>

**Acesso em:** 21 de março de 2026.



**Descrição:** O julgamento dos mortos na presença de Osíris.

**Disponível em:**

<https://br.pinterest.com/pin/101190322933303658/>

**Acesso em:** 21 de março de 2026.



**Descrição:** Pesagem do coração

**Disponível em:** <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maat>

**Acesso em:** 21 de março de 2026.



**Descrição:** Maat e Thot

**Disponível em:**

<https://caminhandoparaaradia.blogspot.com/2011/12/maat.html>

**Acesso em:** 21 de março de 2026.

ANEXO  
DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que este Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia/Tese/Dissertação), escrito sob minha orientação, está em versão final, de acordo com as solicitações realizadas pela banca examinadora.

Informo também que procedi à revisão final do texto, constatando que atende às especificações das normas da ABNT para apresentação de trabalhos acadêmicos da UFCA, no que diz respeito ao conteúdo e à formatação.

Juazeiro do Norte - Ce, 26 de maio de 2026.